

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA**

TALITA ASSUMPÇÃO RÉBOLI

**INOVAÇÃO E ESTRATÉGIA COMPETITIVA COMO FORMAS DE GARANTIR
O POSICIONAMENTO DAS FIRMAS NA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO
CIVIL CAPIXABA**

**VITÓRIA
2012**

TALITA ASSUMPÇÃO RÉBOLI

**INOVAÇÃO E ESTRATÉGIA COMPETITIVA COMO FORMAS DE GARANTIR
O POSICIONAMENTO DAS FIRMAS NA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO
CIVIL CAPIXABA**

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Econômicas do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: **Prof. Dr. Ednilson Silva Felipe.**

VITÓRIA

2012

Dedico este trabalho à minha família, em especial à minha avó Elizabeth, e à minha mãe Leninha, que sempre me incentivaram a perseverar nos estudos, e ao meu marido Breno, que esteve ao meu lado nos momentos mais importantes.

Agradecimentos

Agradeço, antes de tudo, à Deus por ter me proporcionado tantos bons momentos e por mais esta vitória na minha vida.

Ao Professor Ednilson por ter aceitado orientar esse trabalho, sem o qual não teria saído da imaginação. E com todo seu rigor e conhecimento teórico e técnico mostrou os melhores caminhos para a elaboração dessa pesquisa.

Aos demais professores do Departamento de Economia, que foram imprescindíveis para minha formação acadêmica e aos membros da Banca Examinadora.

Àqueles que de alguma maneira contribuíram para a realização deste trabalho e principalmente, aos entrevistados.

E aos Colegas do curso de Ciências Econômicas, com quem pude compartilhar bons momentos e assimilar novos conhecimentos.

RESUMO

A alavancagem do Setor da Construção Civil nos últimos anos, tanto em âmbito Nacional quanto Estadual, tem proporcionado crescimento econômico aliado às necessidades de moradias para as famílias. No Espírito Santo, dados mostram como o setor está inserido no contexto de desenvolvimento das cidades, principalmente na Região da Grande Vitória. Dessa forma, esta monografia busca enfatizar a atividade da Construção Civil através dos seus aspectos concorrenciais e a busca por inovações a fim de garantir competitividade nesse mercado.

Palavras chaves: Construção Civil, Competitividade, Inovação, Crescimento, Economia.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 - Investimentos previstos por setor entre 2010 e 2015 nas microrregiões do ES..... 46
- Figura 2 - Cadeia Produtiva da Construção Civil. **Erro! Indicador não definido.**

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Fatores Empresariais	Erro! Indicador não definido.
Quadro 2 - Fatores Estruturais	Erro! Indicador não definido.
Quadro 3 - Fatores Sistêmicos	Erro! Indicador não definido.
Quadro 4 - Dimensões da Estratégia Competitiva	34
Quadro 5 - Pesquisa Anual da Indústria da Construção no ES - PAIC 2009	Erro! Indicador não definido.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Carência de moradias por Estado - 2009.....	43
Tabela 2 - Visão geral da evolução das unidades em construção por município	49
Tabela 3 - Perfil dos lançamentos por Município.....	50
Tabela 4 - As 10 Maiores Indústrias da Construção no ES.....	59

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Evolução do PIB Brasil e do PIB da Construção Civil **Erro! Indicador não definido.**

Gráfico 2 - Empreendimentos em Construção por Município **Erro! Indicador não definido.**

Gráfico 3 - Percentual do total de Unidades em Construção por Segmento **Erro! Indicador não definido.**

Gráfico 4 - Tipologia das unidades em construção - Total .. **Erro! Indicador não definido.**

Gráfico 5 - Comercialização das unidades por tipologia **Erro! Indicador não definido.**

Gráfico 6 - Comercialização das unidades em construção . **Erro! Indicador não definido.**

Gráfico 7 - As 10 Maiores Empresas por Unidades em Construção **Erro! Indicador não definido.**

Gráfico 8 - As 10 Maiores Empresas por M² em Construção **Erro! Indicador não definido.**

LISTA DE SIGLAS

CBIC	Câmara Brasileira da Indústria da Construção
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
FIESP	Federação das Indústrias do Estado de São Paulo
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IJSN	Instituto Jones dos Santos Neves
PAC	Programa de Aceleração do Crescimento
PAIC	Pesquisa Anual da Indústria da Construção
PIB	Produto Interno Bruto
PMCMV	Programa Minha Casa Minha Vida
PNAD	Pesquisa Nacional de Amostra Domiciliar
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SINDUSCON-ES	Sindicato da Indústria da Construção Civil do Espírito Santo
SINDUSCON-SP	Sindicato da Indústria da Construção Civil de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1. INOVAÇÃO E ESTRATÉGIA COMPETITIVA: ELEMENTOS TEÓRICOS PARA ABORDAGEM DA PESQUISA	16
1.1. Competitividade: conceitos e elementos dinâmicos	16
1.2. Os determinantes da competitividade	20
1.2.1. Fatores Empresariais	21
1.2.2. Fatores Estruturais	23
1.2.3. Fatores Sistêmicos	25
1.3. Inovações e busca pela competitividade	29
1.4. Inovações Organizacionais e Estratégias Competitivas	31
1.5. Comentários finais.....	34

CAPÍTULO 2. A CONSTRUÇÃO CIVIL NO ESPÍRITO SANTO	36
2.1. Breve histórico da evolução da Construção Civil no Espírito Santo	36
2.2. Aspectos econômicos favoráveis à Indústria da Construção Civil.....	40
2.2.1. A Cadeia Produtiva	47
2.3. Alguns números do desempenho imobiliário na Grande Vitória.....	48
2.4. Comentários Finais	52
CAPÍTULO 3. AS TRANSFORMAÇÕES NOS PROCESSOS DE INOVAÇÃO EM BUSCA DE VANTAGEM COMPETITIVA - RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO	54
3.1. Importância da Inovação no processo concorrencial	55
3.2. Fatores para a competitividade no Setor da Construção Civil.....	56
3.3. Principais desafios para o setor	59
3.4. Comentários finais.....	61
CONCLUSÃO	62
REFERÊNCIAS	65
ANEXO	Erro! Indicador não definido.

INTRODUÇÃO

A necessidade das empresas em reformular seus processos produtivos e organizacionais para alcançar a maturidade na indústria, bem como criar estratégias competitivas a fim de se firmarem no mercado, é fundamental no Brasil atual, que passa por um aprofundamento do processo concorrencial com a entrada de novas firmas nacionais e internacionais.

Nessa perspectiva, e considerando as taxas de crescimento da economia nos últimos anos, a indústria da Construção Civil está em um processo de franca expansão e necessita, cada vez mais, de inovar para competir, uma vez que os consumidores estão mais exigentes quando decidem investir nos produtos desse setor, utilizando parte de suas economias. Além disso, as empresas têm surgido com diferenciais obrigando todas as outras a se adaptarem às mudanças para não perderem participação relativa no mercado.

Assim, a mudança nos hábitos de vida da população, aliada às facilidades de obtenção de crédito e ao aquecimento que passa a economia brasileira são alguns dos elementos que aumentaram a demanda por imóveis e contribuíram para a valorização do setor.

Dessa maneira, a Construção Civil tem representado um grande percentual na geração de emprego e renda no Brasil e no Espírito Santo e o objetivo desta pesquisa é mostrar alguns elementos favoráveis para o crescimento do setor, como a participação no PIB e na geração de empregos formais e informais no Espírito Santo, para que fique explicitada a importância desse segmento na economia capixaba.

A competição entre firmas torna o assunto *inovação e competitividade* central para as empresas se manterem em um mercado dinâmico como o da Construção Civil. Dessa maneira, a proposta principal deste trabalho também é relacionar esses conceitos ao setor da construção civil no Espírito Santo, em

especial com as empresas que atuam na construção habitacional na Grande Vitória, na tentativa de mostrar como o tema é atualmente aplicado.

Este trabalho divide-se em três capítulos, sendo que o primeiro capítulo procurou explicar os principais conceitos através da abordagem de teorias concretas acerca dos temas competitividade e inovação, com o objetivo de dar embasamento teórico à proposta desta pesquisa.

Em resumo, três conceitos de competitividade foram explicitados. O primeiro deles se refere a *competitividade revelada*, pelo qual é a demanda de mercado que influencia na tomada de decisões sobre os produtos, preços etc. O segundo conceitua a *competitividade potencial*, ou seja, àquela definida pela oferta, em que a empresa, através de suas capacidades acumuladas, vai definir seu próprio processo de concorrência na indústria. Por fim, a última e mais completa concepção é a da *competitividade dinâmica*, em que é a dinâmica do mercado que vai sinalizar para a tomada de decisões estratégicas por parte das firmas, para que consigam sustentar uma posição eficiente diante dos agentes envolvidos.

Ainda no primeiro capítulo, foram abordados os três fatores determinantes da competitividade, tais fatores podem ser internos ou externos à firma. Os elementos internos ou fatores *empresariais* são aqueles capazes de serem regulados e modificados a partir das decisões tomadas pela empresa. Já os fatores *estruturais* são aqueles em que a empresa tem capacidade limitada para intervir, pois se configuram no âmbito da indústria ou do complexo industrial do qual participa. O terceiro fator determinante da competitividade é o *sistêmico*, em que os elementos constituem externalidades para as empresas, pois estão associados à diversas características gerais do sistema econômico.

Com relação às teorias que integram a questão da competitividade, todas parecem convergir para a importância das inovações através do planejamento de estratégias concorrenciais em busca da eficácia no posicionamento da empresa no mercado. A partir daí, neste mesmo capítulo, as mudanças nos processos internos à firma são abordadas como vantagens para alcançar a

maturidade na indústria e as inovações organizacionais tonam-se assim, a atividade central do processo concorrencial.

O segundo capítulo mostra as principais características do Setor da Construção Civil e sua cadeia produtiva no Espírito Santo, com um breve histórico mostrando os elementos essenciais para o crescimento desta indústria na Grande Vitória. O capítulo buscou também fazer referência aos fatores que têm proporcionado a expansão do setor nos últimos anos. Além disso, procurou mostrar alguns números, com gráficos e tabelas, da questão imobiliária nas quatro cidades onde mais tem crescido a quantidade de unidades lançadas e em construção: Cariacica, Serra, Vila Velha e Vitória.

No terceiro e último capítulo, está explicitada a conclusão acerca da pesquisa realizada com alguns profissionais de empresas ligadas à construção, instaladas no Estado e fora dele. Esta pesquisa buscou investigar quais estratégias as empresas do setor têm planejado a fim de ganhar mais consumidores no mercado, uma vez que este tem passado por diversas transformações devido a um processo concorrencial intenso.

Dessa forma, para aplicar melhor a problemática, pode-se dizer que o trabalho se refletirá em torno da seguinte questão: ***quais são os fatores que determinam a competitividade na indústria da construção civil e quais as principais transformações recentes nos processos de inovação, como formas de garantir o posicionamento das firmas nesse mercado?***

Inicialmente, a principal limitação da pesquisa foi encontrar dados mais atuais que mostrassem com maior precisão o comportamento das firmas neste setor na economia capixaba. Alguns dados encontrados são extremamente atuais, final de 2011, outros já são do ano de 2009, sendo assim, com defasagem de 2 (dois) anos, o que torna essa referência não totalmente satisfatória, já que a indústria deu um grande salto após a instabilidade internacional provocada pela crise de 2008 e a partir dos programas de moradia capitaneados pelo Governo Federal.

Outro elemento importante para a pesquisa, porém escasso de estatísticas é a questão da mão de obra do setor. Devido a sua característica de absorver grande quantidade de mão de obra, a construção civil é um importante gerador de empregos formais e informais. No entanto, além do nível de rotatividade dos empregados ser muito alto, os números para estimar a quantidade dos empregados sem carteira assinada são insuficientes, já que são de difícil mensuração, o que dificulta as pesquisas na área e a realidade social relacionadas ao setor.

Entretanto, esta pesquisa não tem por objetivo entrar em discussões na área social, como a carência de condições dignas de habitação para as famílias, nem tanto se propõe a trabalhar os problemas dos impactos urbanos advindos desse crescimento acelerado de obras no Estado, como os problemas ambientais e infraestruturais. Entende-se, no entanto, que são temas relevantes que podem ser considerados em trabalhos futuros, a fim de dar continuidade às pesquisas nesse setor.

Este trabalho também não procurou criar um novo modelo, devido sua natureza em nível de graduação, assim as questões apresentadas são assentadas em teorias já existentes e em dados elaborados por entidades de pesquisa. O que se procura obter é a relação das teorias aqui expostas com algumas características fundamentadas na atuação de empresas do setor, retirando aquilo que atualmente é realizado na prática, para alcançar maior competitividade no mercado.

CAPÍTULO 1. INOVAÇÃO E ESTRATÉGIA COMPETITIVA: ELEMENTOS TEÓRICOS PARA ABORDAGEM DA PESQUISA

O primeiro capítulo procura conceituar a teoria acerca da competitividade, identificando os aspectos essenciais para o posicionamento competitivo das firmas, o processo de inovação organizacional e as dimensões estratégicas empresariais, como vantagens para a melhoria dos processos da indústria.

1.1. Competitividade: conceitos e elementos dinâmicos

A competitividade tem sido um grande tema para pesquisa no Brasil e é uma questão empresarial bastante relevante na atualidade, uma vez que a indústria brasileira tem passado por transformações com o aumento da concorrência entre firmas locais, regionais e internacionais.

A maioria dos estudos referentes à competitividade demonstra tratar do assunto como um reflexo da capacidade da empresa em estabelecer estratégias eficientes para ser posicionar à frente no mercado. Com o objetivo de desenvolver melhor o conceito, três abordagens são colocadas, de acordo com Ferraz, Kupfer, Haguenuer (1996).

A primeira delas refere-se à *competitividade revelada*, ou seja, definida através da demanda do mercado, que toma decisões sobre consumo de produtos, levando em consideração fatores como: preço, produtos substitutos, qualidade, inovação, serviços prestados, dentre outros. Com isso, é a demanda que acaba posicionando a competitividade de determinada indústria no mercado.

Nessa visão, é a demanda no mercado que, ao arbitrar quais produtos de quais empresas serão adquiridos, estará definindo a posição competitiva das empresas, sancionando ou não as ações produtivas, comerciais e de marketing que as empresas tenham realizado (FERRAZ, KUPFER, HAGUENAUER, 1996, p. 2).

Vale dizer, então, que por essa ótica, é a demanda que *revela* a competitividade da firma.

A segunda caracteriza-se como a *competitividade potencial*. Aqui as condições empresariais de oferta são colocadas como principal determinante da competitividade. Nessa visão, a capacidade acumulada pela empresa é o principal fator que vai determinar o desempenho no processo concorrencial, e essa capacidade pode ser a de baixar custos e preços, inovar, estruturar a empresa, dentre outras. E ainda pode-se dizer que estão diretamente relacionadas à experiência quanto às escolhas tecnológicas e às técnicas mais eficientes de produção, que definem um maior grau competitivo da empresa.

Nessa segunda visão, é o produtor que, ao escolher as técnicas que utiliza, submetido às restrições impostas pela sua capacitação tecnológica, gerencial, financeira e comercial, estará definindo a sua competitividade. A competitividade é um fenômeno *ex-ante*, isto é, reflete o grau de capacitação detido pelas firmas, que traduz nas técnicas por elas praticadas. O desempenho obtido no mercado seria uma consequência inexorável dessa capacitação. Considera-se, assim, que é o domínio de técnicas mais produtivas que, em última instância, habilita uma empresa a competir com sucesso, ou seja, representa a causa efetiva da competitividade (FERRAZ, KUPFER, HAGUENAUER, 1996, p. 2).

Contudo, ainda de acordo com Ferraz, Kupfer, Haguenuer (1996), ambas as abordagens apresentam conclusões limitadas e estão assentadas sobre o uso de dados de indicadores passados, não levando em consideração a evolução do tema. A análise da competitividade com base em dados de preços, custos e taxa de câmbio, na visão desses autores, não indica a realidade acerca do conceito de competitividade, já que essa precisa ser tomada a partir de uma perspectiva dinâmica e evolutiva.

Assim, para que alcance uma visão mais dinâmica, a competitividade foi então definida como:

a capacidade da empresa formular e implementar estratégias concorrências, que lhe permitam ampliar ou conservar, de forma duradoura, uma posição sustentável no mercado (FERRAZ, KUPFER, HAGUENAUER, 1996, P. 3).

Com isso,

A partir de uma perspectiva dinâmica, o desempenho no mercado e a eficiência produtiva decorrem da capacitação acumulada pelas

empresas que, por sua vez, reflete as estratégias competitivas adotadas em função de suas percepções quanto ao processo concorrencial e ao meio ambiente econômico onde estão inseridas. Desse modo, ao invés de entendida com uma característica intrínseca de um produto ou de uma firma, a competitividade surge como uma característica extrínseca, relacionada ao padrão de concorrência vigente em cada mercado. Um padrão de concorrência, por sua vez, corresponde ao conjunto de fatores críticos de sucesso em um mercado específico (FERRAZ, KUPFER, HAGUENAUER, 1996, P. 3).

Dessa maneira, pode-se destacar o conceito de *competitividade dinâmica* como o mais completo, pois nessa visão, Kupfer (1992) acrescenta que o conceito de competitividade não pode ser apenas uma característica interna de um produto ou empresa. É na realidade um conceito dotado de elementos externos à firma e ao produto, relacionado também com o processo de concorrência que acontece dentro do mercado de atuação da empresa.

Dessa forma, Coutinho e Ferraz (1994, p. 18) colocam que:

o sucesso competitivo passa, assim, a depender da criação e da renovação das vantagens competitivas por parte das empresas, em um processo em que cada produtor se esforça por obter peculiaridades que o distingam favoravelmente dos demais, [...].

Para Porter (1999), quando há o conhecimento das capacidades da empresa e das causas das forças competitivas, isso mostrará as áreas em que a empresa deve enfrentar ou evitar a competição.

O autor define cinco forças competitivas, que em conjunto, determinam a intensidade da concorrência na indústria, as quais são: entrada de novos concorrentes, a ameaça de produtos substitutos, o poder de negociação dos compradores, o poder de negociação dos fornecedores e a rivalidade dos concorrentes.

A *ameaça à entrada* de novos concorrentes traz para a indústria uma nova capacidade, com o desejo das firmas em alcançar fatias do mercado. Assim, a consequência pode ser a queda dos preços e o aumento dos custos, o que faz

diminuir a rentabilidade das empresas. Os potenciais entrantes ainda podem enfrentar algumas barreiras à entrada¹, dependendo de cada indústria.

A alternativa de *produtos substitutos*, ainda na visão de Porter (1999), cria uma pressão sobre os preços para um teto, o que reduz os retornos potenciais de lucro de uma indústria. Assim, quanto mais atrativo for o preço-desempenho do produto substituto, maior será a pressão sobre a rentabilidade da indústria. Nesse sentido, há que haver uma busca pela diferenciação do produto, no sentido de torná-lo menos substituível, aumentando as possibilidades de controle de preços por parte das firmas.

O *poder de negociação dos compradores* também é elemento que pressiona os preços para baixo. Os consumidores geralmente procuram por melhor qualidade ou mais serviços e, segundo Porter (1999), acabam jogando os concorrentes uns contra os outros, o que poderá custar a rentabilidade da indústria. O poder dos compradores vai depender da representatividade destes no volume total de negócios de determinada indústria.

Os *fornecedores* também podem influenciar a competitividade de determinada indústria, uma vez que eles podem elevar os preços ou mesmo reduzir a qualidade dos insumos ou serviços oferecidos. Isso afeta a lucratividade de uma indústria que não consegue repassar os custos nos produtos aos consumidores finais.

A intensa *rivalidade* entre os concorrentes acontecerá sempre porque existem numerosas empresas e produtos iguais. As táticas utilizadas poderão ser redução de preços, publicidade, introdução de produtos e maior garantia e serviços aos clientes. Esses fatores também poderão limitar os retornos da indústria e acontecem porque os concorrentes sentem-se pressionados ou querem melhorar sua posição no mercado. A partir daí poderá haver retaliação ou a tentativa de conter esses movimentos.

¹ Para mais detalhes ver Porter (1986, p. 25-31).

Por fim, Porter (1999) afirma que as empresas precisam estabelecer uma diferença e preservá-la, para assim superar em desempenho os concorrentes, e com isso ela poderá proporcionar mais valor aos clientes ou gerar o mesmo valor a um custo mais baixo.

1.2. Os determinantes da competitividade

Os determinantes da competitividade são um conjunto de fatores que podem ser internos ou externos à firma, ou seja, podem ser controlados ou não por ela. Os fatores determinantes podem estar relacionados também às especificidades do mercado e ainda ao ambiente econômico como um todo (COUTINHO E FERRAZ, 1994).

Para Ferraz, Kupfer, Haguenuer (1996), os padrões concorrenciais são influenciados pelas características estruturais e comportamentais do ambiente de competição da empresa, sejam referentes ao seu mercado de atuação, sejam as relacionadas ao próprio sistema econômico. Dessa maneira, segundo os autores, é imprescindível identificar os fatores relevantes ao sucesso competitivo para direcionar a capacidade de formular e implementar estratégias concorrenciais.

Assim, os autores definem três fatores determinantes da competitividade na indústria, que são: os fatores empresariais, estruturais e sistêmicos.

De modo geral, os fatores empresariais e sistêmicos têm incidência mais horizontal, isto é, apresentam caráter mais genérico em termos das formas e intensidades com que influenciam a competitividade nos diversos setores industriais. Em contraposição, os fatores estruturais apresentam um nítido caráter setor-específico, refletindo mais diretamente as peculiaridades dos padrões de concorrência presentes em cada ramo produtivo ou em grupos de setores similares (FERRAZ, KUPFER, HAGUENAUER, 1996, p 13).

1.2.1. Fatores Empresariais

Os fatores empresariais são aqueles em que a empresa detém o poder de decisão, pois são internos a ela e podem ser revalidados de acordo com a necessidade de melhorar a capacidade inovadora e restabelecer estratégias competitivas.

Segundo Ferraz, Kupfer, Haguenauer (1996), esses fatores referem-se aos recursos acumulados pela empresa e à adoção de estratégias para ampliação desses recursos, que atuam em quatro áreas de competência empresarial: gestão, inovação, produção e recursos humanos.

Dizem respeito basicamente ao estoque de recursos acumulados pela empresa e às estratégias de ampliação desses recursos por elas adotadas, em termos das suas quatro áreas de competência, a saber: eficácia da gestão em termos do posicionamento estratégico da empresa de acordo com fatores de sucesso no mercado e da capacidade de integrar estratégia, capacitação e desempenho; a capacitação tecnológica em processos e produtos; a capacitação produtiva principalmente em termos do grau de atualização dos equipamentos e instalações assim como dos métodos de organização da produção e controle da qualidade e a produtividade dos recursos humanos (FERRAZ, KUPFER, HAGUENAUER, 1996, p. 10).

Gestão	Marketing, Serviços pós-venda, Finanças, Administração e Planejamento.
Inovação	Produto, Processo e Transferência tecnológica.
Produção	Atualização de Equipamentos, Técnicas Organizacionais e Qualidade.
Recursos Humanos	Produtividade, Qualificação e Flexibilidade.

Quadro 1 - Fatores Empresariais

Fonte: Ferraz, Kupfer, Haguenauer (1996, p. 11).

Para Ferraz, Kupfer, Haguenauer (1996), na área de **gestão** competitiva é relevante a questão da evolução organizacional² na tentativa de diminuir o quadro de níveis hierárquicos, e demandar maior poder decisório no interior da

² Essa questão é explicada no item 1.3 deste capítulo.

cadeia, para que se tornem mais eficientes e principalmente para que haja economia de tempo. A partir daí, as empresas investem em tecnologia da informação com o objetivo de melhorar o acesso à informação e à comunicação interna. O foco da gestão também visa possibilitar um relacionamento mais próximo com os fornecedores e clientes em busca de desenvolver uma parceria para a tomada de decisão sobre produtos, estoques, qualidade, dentre outros.

No nível das condutas, as estratégias devem ser aderentes ao padrão de concorrência relevante para a empresa. É necessário investir nas capacitações correspondentes e assegurar que o desempenho seja coerente com os fatores críticos de sucesso. Essas são as tarefas centrais da gestão empresarial competitiva (FERRAZ, KUPFER, HAGUENAUER, 1996, p. 10).

O fator **inovação** representa o elemento central para a busca da competitividade pelas empresas, seja através da introdução de produtos novos e diferenciados, seja pela diminuição de preços ou do tempo de produção. As atividades de Pesquisa e Desenvolvimento também devem sofrer mudanças na medida em que podem criar alianças ou outras associações fora dos limites da empresa na busca de aprendizado. Esse processo não está ligado apenas ao progresso técnico e, com isso, pode criar capacitações em áreas essenciais para ocupar mercados. Assim Ferraz, Kupfer, Haguenuer (1996, p. 15) colocam que, “*o resultado econômico da empresa está intimamente ligado à capacidade de gerar progresso técnico [...]*”.

Ainda segundo Ferraz, Kupfer, Haguenuer (1996) a **capacidade produtiva** da empresa está ligada à capacidade inovativa. Assim as técnicas produtivas devem ser renovadas no intuito de melhorar e da maior rapidez ao processo produtivo e na entrega do produto, além de proporcionar maior qualidade e queda nos custos. Nesse processo se investe em tecnologia e em inovação organizacional, a fim de perseguir métodos de economia de tempo, métodos de organização do processo de trabalho, de gestão de qualidade, como controle de garantia e qualidade.

As transformações tecnológicas em curso na indústria mundial, que para muitos estudiosos constituem as bases de uma terceira

revolução industrial, revelam a consagração de um novo paradigma produtivo onde qualidade de produto, flexibilidade e rapidez de entrega, além da racionalização dos custos de produção, passaram a constituir as alavancas básicas da competitividade (FERRAZ, KUPFER, HAGUENAUER, 1996, p. 16).

O setor de **recursos humanos** tem mudado a forma de relacionamento com os demais funcionários da empresa, criando um novo padrão na estruturação hierárquica. A partir disso Ferraz, Kupfer, Haguenauer (1996) colocam que, as firmas têm investido em incentivos para aqueles funcionários capazes de dar soluções criativas quando necessário e com comprometimento com o trabalho. Tais incentivos podem ser a estabilidade na função, a participação nas etapas de decisão e a participação nos lucros. O treinamento constante para aperfeiçoar a mão de obra também é um método utilizado pelo setor.

Com relação aos recursos humanos, segundo Ferraz, Kupfer, Haguenauer (1996, p. 17),

a tarefa central é a de definir e implementar princípios de organização e operação de processos de trabalho indutores de comportamentos que, sem prejuízo da produtividade, orientem-se para a melhoria contínua da qualidade dos produtos e dos métodos de fabricação.

1.2.2. Fatores Estruturais

Os fatores estruturais são aqueles em que a empresa tem pouca ou nenhuma influência para intervir, uma vez que estão relacionados às características dos setores e dos complexos industriais, ou seja, ao padrão concorrencial de cada indústria. Três elementos formam os fatores estruturais da competitividade, que são: o mercado, a configuração da indústria e o regime de incentivos e regulação da concorrência.

[...] Conformam o ambiente competitivo no qual as empresas se enfrentam, abrangendo não somente as características da demanda e da oferta, mas também a influência de instituições extra mercado, públicas e não-públicas, que definem o regime de incentivos e regulação da concorrência prevalecente (FERRAZ, KUPFER, HAGUENAUER, 1996, P. 10-11).

Mercado	Tamanho e dinamismo, grau de sofisticação e acesso a mercados internacionais.
Configuração da indústria	Desempenho e capacitação, estrutura patrimonial e produtiva e articulações na cadeia.
Regime de incentivos e regulação da concorrência	Aparato legal, política fiscal e financeira, política comercial e papel do Estado.

Quadro 2 - Fatores Estruturais

Fonte: Ferraz, Kupfer, Haguenauer (1996, p. 12).

Os **mercados** dinâmicos são os propulsores da competitividade da indústria. A busca por diferenciações, qualidade, eficácia produtiva e renovação do processo produtivo e decisório das empresas está em constante transformação e acontece com uma rapidez cada vez maior. Assim, existe a necessidade de intensificar as inovações, com destaque para o lançamento de novos produtos, para que os mesmos não fiquem obsoletos e outra empresa ganhe mercado. É bom acrescentar ainda que, no mundo globalizado atual, os padrões de consumo estão se mundializando, o que traz consumidores cada vez mais exigentes e com elevado nível de renda a interferirem na qualidade dos produtos. Dessa maneira, o mercado deve estreitar as relações com os clientes, identificando suas necessidades.

Assim, ainda segundo Ferraz, Kupfer, Haguenauer (1996, p. 18),

[...] Ao estimular investimentos, mercados dinâmicos asseguram uma taxa elevada de renovação de equipamentos e métodos de produção que, ao lado das economias de escala e escopo naturalmente absorvidas por empresas que se expandem, propiciam crescimento sustentado da produtividade industrial.

Na **configuração da indústria** é importante visualizar como a mesma se organiza e se adapta às mudanças organizacionais da produção. No atual cenário concorrencial, reestruturações na parte gerencial tem-se aliado a uma integração maior dos diversos setores dentro da firma.

Do lado da oferta, a indústria mundial tem presenciado um profundo esforço de adaptação dos grupos empresariais e dos modelos de

organização da produção ao novo cenário competitivo internacional que começou a vigorar ao final dos anos 70. A revolução nos conceitos de organização da produção provocada pela crescente incorporação [...] dos novos métodos gerenciais, aliada ao aprofundamento da integração financeira e comercial em nível global, deu a tônica das amplas reestruturações promovidas pelas diversas indústrias (FERRAZ, KUPFER, HAGUENAUER, 1996, p. 20).

Ainda segundo Ferraz, Kupfer, Haguenuer (1996), os **incentivos** visam elevar a capacidade de resposta das empresas aos desafios propostos em busca de vantagens, enquanto que as **regulações** buscam direcionar as ações empresariais a níveis socialmente desejáveis, ambos os fatores são determinantes da competitividade na indústria, e procuram regulamentar a concorrência entre firmas por parte do apoio governamental.

[...] o regime de incentivos e regulação posto em prática pelos Estados nacionais apresenta, em muitos casos, rebatimentos setoriais diferenciados e exerce grande influência na determinação da competitividade dos diversos ramos industriais. Nesse aspecto, interessa conhecer os impactos setoriais que prescrições legais, incentivos fiscais e financeiros, políticas comerciais [...] e o papel do Estado podem provocar (FERRAZ, KUPFER, HAGUENAUER, 1996, p. 23).

1.2.3. Fatores Sistêmicos

Ainda segundo Ferraz, Kupfer, Haguenuer (1996), os fatores sistêmicos, por sua vez, são aqueles que não podem ser modificados pelas empresas e constituem externalidades para as mesmas, porém podem alterar o ambiente competitivo com vantagens ou desvantagens para a firma. Dentre os determinantes dos fatores sistêmicos pode-se citar: os macroeconômicos, político-institucionais, legais-regulatórios, infraestruturais, sociais e internacionais.

São diversas as formas diretas e indiretas através das quais os determinantes sistêmicos exercem papel decisivo sobre a competitividade das empresas industriais. Do lado da oferta, afetam as condições de custos e qualidade em que estão disponíveis os “insumos” materiais, humanos, organizacionais e institucionais que moldam o sistema de aprendizado, incorporação e geração de inovações de processo produtivo. Do lado da procura, definem em que medida e em que termos a sociedade demanda o desempenho competitivo de suas empresas, através de desafios, estímulos e exigências vindos tanto dos mercados como também de outras

instituições e do Estado (FERRAZ, KUPFER, HAGUENAUER, 1996, p. 25).

E ainda,

O estudo dos diversos tipos de determinantes sistêmicos da competitividade e de sua evolução ao longo do tempo permite situar a competitividade das empresas industriais no espaço econômico e no tempo, relacionado a evolução da competitividade das empresas às alterações mais importantes do ambiente econômico que as cercam (FERRAZ, KUPFER, HAGUENAUER, 1996, p. 25).

Macroeconômicos	Taxa de câmbio, carga tributária, taxa de crescimento do PIB, oferta de crédito, taxas de juros, política salarial e outros parâmetros.
Político-institucionais	Política tributária, política tarifária, apoio fiscal ao risco tecnológico, poder de compra do governo.
Legais-regulatórios	Políticas de proteção à propriedade industrial, de preservação ambiental, de defesa da concorrência e proteção do consumidor, de regulação do capital estrangeiro.
Infra-estruturais	Disponibilidade, qualidade e custo da energia, transporte, telecomunicações, insumos básicos e serviços tecnológicos.
Sociais	Sistema de qualificação de mão de obra, políticas de educação e formação de recursos humanos, trabalhista e de seguridade social.
Internacionais	Tendências do comércio mundial, fluxos internacionais de capital, de investimento de risco e de tecnologia, relações com organismos multilaterais, acordos internacionais.

Quadro 3 - Fatores Sistêmicos

Fonte: Ferraz, Kupfer, Haguenuer (1996, p. 12-13).

No ambiente **macroeconômico**, a política cambial pode determinar a rentabilidade do setor exportador na medida em que uma estabilidade cambial reduz os riscos ligados ao setor. E ainda, a manutenção da taxa de câmbio muito valorizada prejudica a concorrência da indústria nacional em relação a internacional.

A estabilidade do sistema econômico nacional também é condição essencial para manter os investimentos industriais a médio e longo prazo. Assim a estabilidade das políticas fiscal, monetária, de renda e a disponibilidade de crédito trazem mais confiança ao empresariado em face às incertezas quanto ao futuro. Da mesma forma, deve-se lidar com o crescimento do PIB no país de forma contínua, uma vez que para Ferraz, Kupfer, Haguenuer (1996, p. 26), “[...] *O crescimento do mercado interno também cria condições propícias de baixa incerteza e boas oportunidades de investimento [...]*”.

Os determinantes **Político-institucionais** são um conjunto de práticas que o Estado pode controlar e que altera o ambiente concorrencial dos mercados. “[...] *Dentre esses, destacam-se a política de comércio exterior e tarifária, a política tributária, o uso seletivo do poder de compra do governo e a política científica e tecnológica*” (FERRAZ, KUPFER, HAGUENAUER, 1996, p. 26).

Logo, o Estado também pode entrar nesse processo demandando serviços com alta capacidade tecnológica, e apoiar a produção científica e tecnológica oferecendo infraestrutura necessária e estímulos a modernização das indústrias.

Ainda segundo Ferraz, Kupfer, Haguenuer (1996), a defesa da concorrência e do consumidor, a defesa do meio ambiente, o regime de proteção a propriedade intelectual e de controle de capital estrangeiros são os principais elementos **Legais-regulatórios** utilizados pelo governo. Esses instrumentos surgem para intervir na indústria de forma a garantir a contestabilidade nos diversos mercados e proteger esses organismos da concorrência desleal. As empresas buscam melhorar a eficiência produtiva, a qualidade dos produtos e os processos tecnológicos, para assim, se adequarem a esse conjunto de regras e continuarem competindo nesse ambiente.

O aprimoramento dessas regulações tem se revelado importante mecanismo de estímulo para o aumento da eficiência produtiva e principalmente melhoria da qualidade e aumento do grau de sofisticação tecnológica tanto dos processos produtivos quanto dos produtos da indústria local (FERRAZ, KUPFER, HAGUENAUER, 1996, p. 29).

Os principais fatores **Infraestruturais** capazes de influenciar na concorrência da indústria são a oferta de energia, transporte e telecomunicações. A modernização desses recursos e o acesso a eles, a baixo custo e de forma eficiente são primordiais para o posicionamento estratégico das indústrias e um meio de alcançar mais mercados (FERRAZ, KUPFER, HAGUENAUER, 1996).

Já os elementos **sociais** existentes no ambiente econômico essenciais para determinar positiva e negativamente a competitividade entre as empresas são àqueles, “[...] que dizem respeito à educação e qualificação da mão de obra, à natureza das relações trabalhistas e ao padrão de vida dos consumidores” (FERRAZ, KUPFER, HAGUENAUER, 1996, p 30).

Nesse sentido, e ainda segundo os autores, o nível de educação e qualificação dos trabalhadores condiciona diretamente na qualidade dos produtos produzidos e na capacidade inovadora das firmas. As relações trabalhistas capazes de minimizar o confronto de interesse entre patrões e empregados também podem alterar o ambiente competitivo nas indústrias. E da mesma forma, o padrão de consumo e a distribuição de renda tem papel fundamental no mercado, porque direciona a produção através do grau de sofisticação dos consumidores.

Por fim, segundo Ferraz, Kupfer, Haguenuer, (1996), os elementos **internacionais** que afetam a competitividade das indústrias se referem à integração internacional com a economia local, tanto produtiva quanto financeira e a influência das tendências mundiais nesse mercado. As condições e o acesso a financiamentos externos dependem do movimento internacional de capitais. Na etapa produtiva e comercial, o acesso também vai depender das tendências, naquele período de tempo, dos movimentos do progresso técnico e da diplomacia econômica, que envolve os países, os blocos econômicos e os organismos multilaterais internacionais.

O ritmo e a direção dos fluxos de investimento externo diretor, por sua vez, são fatores decisivos no que diz respeito à incorporação de progresso técnico na economia local. As empresas multinacionais são

as principais fontes de introdução de inovações de produtos e processos no nível mundial. Além disso, a presença dessas empresas seja como clientes, tende a dinamizar o processo competitivo, incentivando a modernização constante das estratégias competitivas das firmas locais (FERRAZ, KUPFER, HAGUENAUER, 1996, p. 32).

1.3. Inovações e busca pela competitividade

Uma vez que as indústrias estão sempre passando por novos métodos e processos, é pertinente a pesquisa no sentido de procurar identificar quais são as inovações que têm ocorrido no setor na construção civil e, como isso influencia na construção da competitividade empresarial.

De acordo com Nelson (2006, p. 145), nos últimos trinta anos, muitos economistas têm-se dedicado ao estudo da mudança técnica, ou, mais amplamente, à inovação, suas fontes e suas consequências econômicas.

Schumpeter (1984) acreditava que a concorrência através das inovações seria o mais importante tipo de competição. Para ele, os economistas estariam percebendo que a concorrência não vem apenas do preço, assim sendo:

logo que as concorrências de qualidade e do esforço de venda são admitidas nos sagrados recintos da teoria, a variável preço é desalojada de sua posição dominante. [...] A eficiência desse tipo de concorrência, perto do outro, é assim como um bombardeio comparado a se forçar uma porta (SCHUMPETER, 1984, P. 114).

Ainda a partir da teoria de Schumpeter (1984, p. 112):

o impulso fundamental que inicia e mantém o movimento da máquina capitalista decorre dos novos bens de consumo, dos novos métodos de produção ou transporte, dos novos mercados, das novas formas de organização industrial que a empresa capitalista cria.

Schumpeter (1984) via o capitalismo como um processo evolucionário e revolucionário. Com isso, ele coloca a questão da inovação como o processo de Destruição Criativa que revoluciona o capitalismo, e está incessantemente destruindo a velha e incessantemente criando uma nova estrutura econômica a

partir de dentro e como fruto das decisões concorrenciais das empresas capitalistas.

A inovação pode ocorrer em diversos setores dentro da empresa e não está diretamente relacionada apenas ao avanço tecnológico. A partir disso, Nelson (2006) vê a inovação organizacional como um importante avanço nas empresas modernas e capaz de criar novas maneiras de fazer as coisas, de dirigir o trabalho.

Para o autor, as diferenças organizacionais são dificilmente imitáveis, enquanto que inovações tecnológicas podem ser copiadas facilmente. As empresas que buscam diferenciações na estrutura organizacional podem apresentar vantagens na concorrência em uma indústria por um período de tempo. No entanto, o autor coloca que é necessário entender a mudança organizacional como uma aliada ao desenvolvimento tecnológico, e não como uma força separada por trás do progresso econômico.

A fim de entender o papel da inovação, ainda segundo Nelson (2006, p. 184):

para obter sucesso num mundo que requer que as empresas inovem e mudem, uma empresa deve ter uma estratégia coerente que a capacite a decidir que novos caminhos trilhar e de quais será preferível manter-se afastadas. E ela precisa de uma estrutura, em termos de organização e governança, capaz de conduzir e apoiar a construção e o sustento das aptidões essenciais necessárias para levar adiante a estratégia de maneira eficaz.

As inovações são fundamentais, pois dão às empresas capacidade de gerar vantagens competitivas, o que é essencial para se manter no mercado a médio e longo prazo. Assim, as empresas necessitam desenvolver estratégias de inovação que as diferencie das demais, o que agrega novos conhecimentos, possibilita sua permanência na indústria e o acesso a novos mercados.

A partir da perspectiva de Schumpeter de que o capitalismo é um processo evolucionário, Nelson (2006) afirma que os economistas passaram a se importar significativamente com as diferenças entre as empresas. Com isso, a concorrência passa a ser vista como um importante incentivo para a exploração

de novas e melhores maneiras de fazer as coisas. Para o autor, Schumpeter já havia observado que a inovação teria uma grande contribuição para o bem-estar econômico da sociedade.

1.4. Inovações Organizacionais e Estratégias Competitivas

Até aqui percebe-se a convergência dos conceitos de competitividade com a questão da inovação, que é o elemento principal pelo qual as firmas buscam se posicionar competitivamente na indústria onde estão inseridas, e fazem com que elas busquem conhecimentos para avançar em processos de mudanças organizacionais e no planejamento estratégico concorrencial.

De acordo com Porter (1986), a necessidade de mudança organizacional deve ser pensada no sentido de se obter resultados nos setores estratégicos da empresa, na evolução do seu tamanho e sua diversificação, para alcançar a maturidade na indústria na qual está inserida.

Algumas inovações organizacionais se tornam essenciais para que a firma consiga uma posição sustentável e competitiva. Sendo assim, ela deve ajustar certas prioridades às exigências da indústria. Tais prioridades, em muitas empresas, tornam-se difíceis de serem implantadas, uma vez que existe certa incerteza quanto ao futuro e também porque há uma resistência em se alterar o ambiente empresarial já constituído (BURLAMAQUI, PROENÇA, 2003, p.84).

Inovações têm efeitos múltiplos. Do ponto de vista da empresa inovadora, elas estão na origem de rebaixamento de custos, de ganhos de produtividade e de qualidade, e, frequentemente, da monopolização temporária de uma oportunidade de mercado, cujo resultado é a obtenção de lucros extraordinários (BURLAMAQUI, PROENÇA, 2003, p.84).

A empresa que se fixou no mercado precisa ter uma estratégia competitiva em que possa considerar um conjunto de inovações organizacionais, principalmente quando há um processo concorrencial forte. Dessa maneira,

Porter (1986) coloca algumas mudanças na estrutura organizacional da empresa como importante meio para se consolidar na indústria.

As mudanças propostas pelo autor se referem a elementos diversos baseados em sistemas motivacionais e de controle, atenção maior aos custos, atendimento ao cliente, *marketing*, controle dos ativos financeiros, estoque e contas a receber. Essas implicações exigem uma mudança na estrutura organizacional, facilitando o controle de diferentes áreas de negócios e uma maior coordenação entre funções e instalações, o que torna a firma mais competitiva em custo (PORTER, 1986, p. 236-238).

Cada empresa que compete em uma indústria possui uma estratégia competitiva, seja ela explícita ou implícita. Esta estratégia tanto pode ter se desenvolvido explicitamente por meio de um processo de planejamento como ter evoluído implicitamente através das atividades dos vários departamentos funcionais da empresa (PORTER, 1986, p. 13).

Outro elemento que Porter (1986) chama a atenção para mudanças são as funções gerenciais, que devem acompanhar a transição para a maturidade da firma dentro da indústria. Para o autor, à medida que os elementos organizacionais se modificam, as qualificações dos gerentes e de suas equipes devem se enquadrar nas exigências básicas da organização. Ele ressalta a dificuldade dessa transição, uma vez que pode haver um sentimento de pressão e preocupação com a permanência na função ocupada.

Há de se entender então, como as capacitações organizacionais estão diretamente ligadas ao planejamento estratégico e ao desempenho final da firma. A partir dos estudos de Porter (1986) sobre as Dimensões da Estratégia Competitiva, consegue-se chegar aos principais elementos analíticos na formulação estratégica de uma empresa em uma indústria.

Especialização	O grau de concentração da firma em termos de sua linha de atuação, o segmento de clientes e os mercados que atende.
Identificação de marcas	O grau em que a firma busca efetivar sua marca, para que a competição não fique apenas em preço ou outras variáveis. As vias para identificação da marca podem ser publicidade, força de vendas ou outros meios.
Política de canal	O grau em que a firma busca desenvolver a identificação da marca com o cliente final e o apoio que os canais de distribuição dão ao seu produto.
Seleção do canal	Variação na escolha dos canais de distribuição, como aqueles pertencentes a empresa e aqueles especializados em distribuir vários produtos.
Qualidade do produto	A qualidade do produto que oferece, baseados na matéria prima, características, especificações e etc.
Liderança tecnológica	Grau de liderança tecnológica e um comportamento imitativo.
Integração vertical	O valor agregado da empresa, incluindo ter um canal de distribuição cativo, lojas exclusivas ou próprias, assistência técnica própria e etc.
Posição de custo	A busca pelo mais baixo custo de fabricação com investimentos em instalações e equipamentos mais eficientes que reduzam custo.
Atendimento	Serviços auxiliares que ela oferece, como assistência técnica, rede própria de atendimento ao cliente, crédito e etc.
Política de preço	Posição em que a empresa está em oferecer preços atrativos no mercado.
Alavancagem	A alavancagem financeira e operacional que a empresa dispõe.
Relacionamento com a matriz	Comportamento baseado em relacionamento da unidade filial com a matriz. Esse relacionamento pode influenciar nos objetivos com os quais a empresa é administrada, os recursos que ela tem disponíveis, dentre outros.
Relacionamento com os governos do país de origem	Em multinacionais, o relacionamento com o país de origem e com o país onde está operando pode lhe proporcionar recursos

e anfitriões	ou outro tipo de assistência, e pode regular a atividade da empresa e influenciar nas metas.
--------------	--

Quadro 4 - Dimensões da Estratégia Competitiva

Fonte: Porter (1986, 131-132).

Segundo Porter (1986), os itens expostos fornecem uma visão geral da posição da empresa. Algumas podem utilizar outros tipos de estratégias, outras utilizam as mesmas, mas com aspectos diferenciados. No entanto, a atitude da firma dependerá de cada indústria, mas de forma global as dimensões estratégicas representam um conjunto de elementos internamente consistentes para a posição competitiva da firma.

O desenvolvimento de uma estratégia competitiva é, em essência, o desenvolvimento de uma fórmula ampla para o modo como uma empresa irá competir, quais deveriam ser as suas metas e quais as políticas necessárias para levar-se a cabo estas metas (PORTER, 1986, p. 15).

1.5. Comentários finais

Através dos conceitos de competitividade e de seus fatores determinantes, pode-se analisar com mais detalhes o ambiente concorrencial dentro de uma indústria, além de entender o que as empresas têm feito para conquistar e suprir a necessidade dos seus *stakeholders*³ com êxito.

Nesse contexto, a renovação de antigos processos e a busca por inovação por parte das firmas, é fator indispensável para o crescimento e a permanência na indústria. A inovação organizacional torna-se o elemento central para o planejamento da empresa e o meio pelo qual ela consegue manter ou melhorar sua posição no mercado, através de mudanças na prática dos negócios, do trabalho e dos relacionamentos.

³ Agentes envolvidos nas atividades da empresa, fornecedores, clientes, sociedade etc.

Sendo assim, diante das exigências e do desenvolvimento dos mercados, para obter vantagens, as empresas necessitam criar estratégias competitivas que as diferencie das demais a fim de alcançar suas metas de melhoria dos processos internos e de rentabilidade.

CAPÍTULO 2. A CONSTRUÇÃO CIVIL NO ESPÍRITO SANTO

O propósito deste capítulo é apresentar alguns dados da construção civil, suas características gerais e a relação com a cadeia produtiva do setor, no Espírito Santo, e dessa forma demonstrar como a atividade está crescendo no Estado e sua importância para o desenvolvimento econômico capixaba.

2.1. Breve histórico da evolução da construção civil no Espírito Santo

O processo de crescimento da construção civil no Espírito Santo começa, em menor escala, na década de 1950, e se expande nas décadas de 1960 e 1970. Para dar sustentação a esse crescimento, há de se considerar importantes transformações que o Estado passou no período em questão, que possibilitaram o desenvolvimento do setor, em especial na área da habitação, na região da Grande Vitória.

O Espírito Santo, na década de 1950, ainda tinha sua dinâmica econômica baseada essencialmente na exportação do café e predominava nesse período a pequena propriedade familiar. A partir da segunda metade da década de 1950, a atividade cafeeira passou por uma grave crise, com a queda dos preços internacionais, devido à superprodução do grão. O Espírito Santo foi profundamente prejudicado com a crise na época em questão, uma vez que sua economia estava totalmente dependente do café e dessa maneira, da volatilidade do mercado externo (ROCHA e MORANDI, 1991).

Inicialmente, no início do século XX à década de 1950, as construções habitacionais em Vitória foram iniciativas do Governo do Estado, visando sanar problemas de abastecimento de água, energia elétrica, saneamento e atender as demandas sociais por habitação. A iniciativa privada era responsável, nesse período, pela prática de construir por encomenda, possível para àqueles que tinham renda média e alta (CAMPOS JÚNIOR, 2002).

Entre a década de 1940 e início de 1950 os edifícios construídos foram contratados por comerciantes locais e tinham como finalidade o aluguel. Essa

perspectiva, segundo Campos Júnior (2002), possibilitou uma nova atuação para o desempenho empresarial futuro do setor. Após os anos 1950, a produção por encomenda e para o aluguel perde espaço e a construção para a venda toma força, uma vez que houve o processo de migração rural-urbana, a criação dos grandes projetos e o crescimento do mercado de trabalho e dos possíveis compradores de imóveis.

A construção, na década de 50, caracterizou-se por produzir para o mercado. Mudaram-se os atores sociais envolvidos no processo, alteraram-se papéis e criaram-se outros limites para reprodução do setor (CAMPOS JÚNIOR, 2002, p. 107).

O crescimento populacional da Grande Vitória antes da crise do café aconteceu em menor escala e esteve associado àquelas pessoas do interior que não conseguiram ser inseridas na dinâmica da produção cafeeira. A partir da crise internacional dos preços do café e com a política de erradicação dos cafezais, milhares de pessoas precisaram buscar uma nova atividade como meio de subsistência e, a partir disso, houve uma migração bastante expressiva do campo para a região mais desenvolvida da Grande Vitória, para onde convergiu a maioria dos fluxos migratórios (CAMPOS JÚNIOR, 2002).

O processo de ocupação da Grande Vitória na década de 60 foi a taxas de 6,9% a.a., maior do que o verificado na década anterior. [...] Vitória teve um incremento populacional de aproximadamente 50 mil pessoas na década, para uma população, em 1960, de 83.351 habitantes. Já toda Grande Vitória, contando inclusive com a capital, recebeu um incremento de cerca de 190 mil pessoas. [...] (CAMPOS JÚNIOR, 2002, p. 15).

Diante dos fatos ocorridos, o Espírito Santo necessitava dinamizar suas atividades em busca de uma economia menos dependente da produção agrícola e do mercado externo, e criar oportunidades que envolvessem uma crescente diversificação econômica, para sair da profunda crise e retomar o desenvolvimento a partir do incentivo às atividades urbanas e industriais.

Para que o Estado superasse a recessão e conseguisse implantar tais atividades, segundo Villaschi (2011, p. 55),

as ações tomadas a partir daí lograram mudar o perfil da economia capixaba e determinaram o ritmo e a direção do processo de desenvolvimento econômico e de urbanização do Estado. As medidas tomadas, ao mesmo tempo em que estimulavam os investimentos, também promovia a urbanização, abrindo as condições que levavam um contingente populacional a se deslocar do campo em direção à capital e adjacências. Essa região passou a concentrar o crescimento industrial e as atividades terciárias ligadas às exportações em trânsito. Isso provocou novos rebatimentos na economia, tais como o estímulo às atividades de comércio varejista, transportes, comunicação, construção civil, etc.

Sendo assim, o processo de industrialização capixaba ocorreu em duas fases e tomou força no período da Ditadura Militar no Brasil, período este que só se sustentou com políticas que permitissem altas taxas de crescimento para o país. Dessa forma, na primeira fase, que aconteceu da segunda metade da década de 1960 até o início da década de 1970, foi caracterizada pela implantação de pequenas e médias empresas, incentivadas principalmente pelo capital local e para o consumo de abastecimento das atividades já existentes na região, ou seja, a agricultura. Por isso, mudou pouco a participação da indústria na economia capixaba, apesar de ter criado oportunidades para o empresariado local (VILLASCHI, 2011).

Ainda de acordo com Villaschi (2011), a segunda fase contou com uma dinâmica de industrialização bastante diferenciada da primeira. Nessa fase houve a implantação dos grandes projetos industriais, que levaram o Espírito Santo a ter maior relevância no cenário econômico nacional e internacional. Tais projetos contaram com o apoio do governo federal com as propostas do II PND, do capital internacional, e de alianças com articuladores através da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), atual Vale. Criou-se a partir daí a Aracruz Celulose, a Samarco Mineradora, e Companhia Siderúrgica de Tubarão, atual Arcelor Mittal e a Usina de Pelotização da CVRD.

Esses grandes investimentos possibilitaram a criação de milhares de empregos, o que gerou renda e aumento do consumo. Além disso, houve a dinamização industrial também para o interior do Estado.

[...] era preciso instalar novas atividades de vulto, tais que desencadeassem o surgimento e atração de novas empresas, novas atividades que lançariam o Espírito Santo a novos patamares em

termos de dinamização econômica. Essa era a essência dos Grandes Projetos de Impacto (VILLASCHI, 2011, p. 90).

Na década de 1970 e 1980, segundo Rocha e Morandi (1991), o processo de migração para a Grande Vitória foi impulsionada pelas transformações tecnológicas e estruturais na agricultura capixaba e pela atração que a área urbana oferecia em termos de industrialização.

Ainda de acordo com o autor, a partir da criação dos grandes projetos e da expansão urbana, diversos setores da atividade econômica apresentaram crescimento e o Espírito Santo passou a atrair o “grande capital”, como é o caso do setor terciário (comércio, serviços, transportes etc.), que absorveu o contingente da mão de obra que não foi empregada no setor industrial.

Por consequência de tais transformações, a população migrante e as atividades setoriais necessitaram de construções, especialmente habitações. Assim, a região da Grande Vitória, substancialmente a cidade de Vitória, foi a área onde predominaram as construções, onde o m² era o mais caro e também a cidade que mais se verticalizou durante um longo período de tempo no Estado (CAMPOS JÚNIOR, 2002).

Na década de 60 preponderou o crescimento horizontal da cidade, com a anexação de novas áreas à malha urbana e com o predomínio de casas nas construções. O período seguinte, no entanto, caracterizou-se pelo adensamento populacional, quando Vitória cresceu verticalmente. De 1970 a 1975 foram construídos cerca de 550 mil m² de edificações com quatro ou mais pavimentos, ao passo que entre 1975 e 1980 esse montante alcançou 1.451 mil m² de área construída. Isso mostra claramente que houve incremento da atividade de construção de forma empresarial (CAMPOS JÚNIOR, 2002, p. 17).

E ainda segundo o autor (p. 24),

Historicamente, portanto, a construção mudou, e mais profundamente com a industrialização/urbanização, com a expansão territorial das cidades. Deixa de ser uma atividade menor e se aproxima, em termos de importância econômica, dos outros setores da produção.

Na década de 1970, verifica-se então uma nova situação para a construção civil no Estado, esta se deu pela construção por incorporação, que começa a incorporar outras atividades como a de comercialização. Para Campos Júnior (2002), nessa nova perspectiva, valorizou-se o crescimento das empresas do setor, e diminuiu a figura do engenheiro-construtor, e com esse crescimento novas empresas surgem com o intuito de aproveitar o “boom” imobiliário dos anos 1970, imobiliárias, construtoras e incorporadoras, causado entre outros fatores pelo crescimento da população, da produção industrial e da renda na cidade de Vitória.

O setor da construção civil passou por um período de estagnação nos anos de 1980, período este que o país enfrentou uma grave crise e, só retomou o crescimento após 2004, a partir de mudanças ocorridas na legislação sobre a questão imobiliária.

2.2. Aspectos econômicos favoráveis à Indústria da Construção Civil

A Construção Civil nos últimos anos tem expandido e representado grande importância para a dinâmica econômica capixaba e alguns fatores são os responsáveis por fortalecer o setor, tanto em âmbito nacional quanto estadual.

Tais fatores aliados à estabilidade econômica e financeira do país é que oferecem perspectivas cada vez mais favoráveis ao crescimento do setor. Apesar disso, o cenário internacional está retraído com a crise na Zona do Euro e o Brasil não está imune às alterações que podem advir da crise. No entanto, enquanto a crise internacional não afeta de forma mais drástica o Brasil e o setor da construção, atenta-se para o objetivo deste tópico que é mostrar os elementos que indicam a expansão do setor.

A Construção vem registrando incremento consistente em suas atividades desde 2004, deixando para trás décadas de dificuldades. Em 2010 atingiu desempenho recorde, o que se configurou como uma base de comparação elevada. Em 2011 os números, como esperado, entraram em um patamar de maior equilíbrio e sustentabilidade, significando que o ciclo virtuoso iniciado em 2004

continua. A Construção Civil permanece registrando resultados positivos [...] e crescimento de atividades (CBIC, 2011, p. 4).

Assim, de acordo com a Câmara Brasileira da Indústria da Construção-CBIC (2011), a Construção tem mostrado altos índices de crescimento desde o ano de 2004, e as razões para essa expansão tanto em nível nacional como estadual, estão associadas a maior oferta de crédito imobiliário, aliado às taxas de juros menores e aos financiamentos de longo prazo, também é importante citar o aumento do emprego formal e conseqüentemente o aumento da renda familiar.

Segundo a Revista Indústria Capixaba, os dados da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do IBGE mostram que, em dezembro de 2011, 7,7% da população empregada no estado estava alocada na construção civil. De 2003 a 2010, a taxa média de crescimento do PIB brasileiro foi de 4,4% ao ano, enquanto que a taxa média de crescimento para esse setor foi de 5,2% ao ano, o que levou a um aumento da participação do setor no PIB de 4,28% para 4,5%.

O Programa de Aceleração do Crescimento, iniciado no Governo Lula, que visa promover os programas de moradia para as famílias de menor poder aquisitivo, com substancial redução nas taxas de juros, ajudou a fortalecer o crescimento do setor. Além disso, a estabilidade econômica e financeira já citada anteriormente traz maior segurança e previsibilidade à economia e aos negócios imobiliários.

Em relação ao financiamento da casa própria, o ano de 2010 foi histórico para a Caixa Econômica Federal, que realizou seu maior investimento habitacional: R\$ 77,8 bilhões, o que corresponde a 70% de todo o crédito imobiliário do mercado. Apenas no Espírito Santo, os contratos financiados chegaram à marca de 21.293, no valor total de R\$ 1,612 bilhão. Foram 16.055 contratações, utilizando linhas de crédito com recursos do FGTS, que passaram dos R\$ 830 milhões, dos quais R\$ 749,9 milhões estão dentro do programa “Minha Casa, Minha Vida” com 13.825 unidades (IEL 200 MAIORES EMPRESAS DO ESPÍRITO SANTO, 2011, p. 110).

Os programas de moradia do governo visam diminuir o déficit habitacional⁴ e mostram que o Brasil precisa de desenvolvimento com condições dignas e oportunidade de ascensão social, para se alcançar avanços na qualidade de vida e no nível de distribuição de renda. Nessa perspectiva, as condições ideais de moradia são imprescindíveis e não podem ser eliminadas da noção mais abrangente de desenvolvimento.

Em março de 2009 foi lançado o Programa Minha Casa, Minha Vida – PMCMV (Lei 11.977/2009, alterada pelo MP 510/20105), com o desafio de enfrentar o déficit habitacional para famílias de baixa renda e a crise econômica que se instalava em várias partes do mundo e chegava também ao Brasil. O programa definiu recursos prevendo a construção de cerca de um milhão de moradias em 2009 e 2010 e investimentos de R\$ 34 bilhões, dos quais R\$ 25,5 bilhões oriundos da União, R\$ 7,5 bilhões, do FGTS, e R\$ 1 bilhão, do BNDES (DIEESE, 2011, p. 25).

Assim, o Espírito Santo é um dos Estados que tem se beneficiado desses programas de moradia do Governo Federal, o que mostra ser um dos pontos para a alavancagem do setor, já que grande parte dos lançamentos no Estado está associada aos empreendimentos Minha Casa Minha Vida⁵. E ainda porque, de acordo com os dados da Tabela 1, o estado apresenta uma carência significativa de moradias para as famílias.

⁴Como déficit habitacional entende-se a noção mais imediata e intuitiva de necessidade de construção de novas moradias para a solução de problemas sociais e específicos de habitação detectados em certo momento (DHB, 2008, p. 15).

⁵ Ver Tabela 3, tópico 2.3.

Tabela 1 - Carência de moradias por Estado - 2009

 **A carência de moradias nos Estados, 2009**

Unidades da Federação	Inadequação (A)	Coabitação* (B)	Déficit habitacional (A+B)	Número de famílias (C)	Déficit habitacional relativo (A+B)/(C)
Rondônia	40.293	9.000	56.720	474.359	12,0%
Acre	13.479	4.449	25.615	203.068	12,6%
Amazonas	155.475	35.025	251.404	988.701	25,4%
Roraima	7.658	920	13.200	125.272	10,5%
Pará	366.895	90.724	509.779	2.209.326	23,1%
Amapá	3.662	5.406	21.710	177.144	12,3%
Tocantins	24.125	11.046	40.133	411.409	9,8%
Maranhão	308.101	63.592	429.011	1.886.154	22,7%
Piauí	120.649	34.395	163.779	973.956	16,8%
Ceará	217.113	95.128	352.861	2.626.998	13,4%
Rio G. do Norte	17.123	36.206	83.178	1.025.048	8,1%
Paraíba	75.290	33.632	123.979	1.161.966	10,7%
Pernambuco	153.999	65.189	273.816	2.762.593	9,9%
Alagoas	53.044	14.467	103.943	951.537	10,9%
Sergipe	29.579	15.978	65.615	647.307	10,1%
Bahia	213.013	91.581	410.700	4.595.953	8,9%
Minas Gerais	206.825	143.373	444.209	6.611.318	6,7%
Espírito Santo	36.587	27.213	77.869	1.158.623	6,7%
Rio de Janeiro	442.975	89.647	537.695	5.575.342	9,6%
São Paulo	746.098	260.038	1.127.096	13.698.039	8,2%
Paraná	44.993	61.400	127.056	3.581.462	3,5%
Santa Catarina	29.253	32.836	75.223	2.051.362	3,7%
Rio G. do Sul	108.899	76.401	205.391	3.839.060	5,4%
Mato G. do Sul	15.930	24.814	49.013	810.928	6,0%
Mato Grosso	41.097	20.944	84.558	1.025.797	8,2%
Goias	38.736	26.407	97.544	1.946.139	5,0%
Distrito Federal	20.198	13.015	57.450	837.649	6,9%
Brasil	3.531.089	1.382.826	5.808.547	62.356.510	9,3%

*Com intenção de mudar.

Fonte: SINDUSCON-SP, FGV, 2010⁶.

Para exemplificar algumas informações do setor no Brasil, o Gráfico 1 mostra ainda como ocorreu a evolução do PIB da Construção Civil em relação ao PIB nacional, no Brasil, entre 2003-2011⁷, a partir das mudanças do marco regulatório do mercado imobiliário (Lei 10.931/2004)⁸, da criação Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e do Programa Minha Casa Minha Vida, tais elementos ajudam a explicar o crescimento do setor nos últimos anos.

⁶ Elaborado a partir do PNAD 2009.

⁷ Projeção PIB Nacional da Construção Civil da CBIC.

⁸ A nova lei permitiu a segregação do acervo de cada incorporação imobiliária, e também estabeleceu requisitos para demandas sobre contratos de comercialização de imóveis, tratou da atualização monetária desses contratos e criou novos títulos de crédito para fomentar o mercado imobiliário. Embora pensada, elaborada e voltada para o objetivo essencial do fomento do mercado imobiliário, através da criação de mecanismos que garantem segurança jurídica às partes nos contratos de comercialização de bens imóveis, terminou por trazer modificações profundas no que tange ao procedimento atinente à execução judicial do contrato de alienação fiduciária de bens imóveis, por meio da ação de busca e apreensão do bem alienado. (Disponível em: www.jus.com.br, Acesso em 18 outubro 2012).



Gráfico 1 - Evolução do PIB Brasil e do PIB da Construção Civil

Fonte: CBIC, 2011.

Ainda de acordo com o Gráfico 1, o crescimento do setor desacelerou em 2009, visto que nesse período houve uma instabilidade provocada pela crise sistêmica no cenário internacional, que provocou a retração de diversos segmentos econômicos, inclusive da Construção Civil, já que é um setor que requer grandes investimentos e condições de acesso ao crédito, que ficam restritos em um ambiente de crise.

A partir disso, pode-se concluir que os números do Quadro 5, que exemplifica o setor no Espírito Santo com alguns dados da Pesquisa Anual da Construção Civil (PAIC), referente ao ano de 2009, estão defasados, porque o setor retomou o crescimento em 2010 e 2011. Apesar de a pesquisa apresentar defasagem de 2 (dois) anos, a publicação é importante porque segundo o IBGE (2009, p. 8),

A pesquisa constitui uma importante fonte de informações estatísticas sobre o segmento empresarial da construção, fornecendo aos órgãos governamentais e privado subsídios para o planejamento e aos usuários, em geral, informações para estudos setoriais mais aprofundados.

Número de empresas ativas	1.043
Pessoal ocupado em 31.12	42.785
Custos e despesas - Total - (1 000 R\$)	2.210.632
Custos e despesas - Gastos de pessoal - Total - (1 000 R\$)	746.261
Custos e despesas - Gastos de pessoal - Salários, retiradas e outras remunerações (1 000 R\$)	495.698
Custos e despesas - Custos das obras e/ou serviços da construção - Total (1 000 R\$)	997.148
Custos e despesas - Custos das obras e/ou serviços da construção - Consumo de materiais de construção (1 000 R\$)	719.107
Custos e despesas - Custos de incorporações de imóveis construídos por terceiros - Total - (1 000 R\$)	49.502
Custos e despesas - Custos de incorporações de imóveis construídos por terceiros - Materiais de construção (1 000 R\$)	33.544
Custos e despesas - Outros custos e despesas (1 000 R\$)	417.719
Receita bruta total (1 000 R\$)	2.973.956
Receita líquida (1 000 R\$)	2.742.747
Valor das incorporações, obras e/ou serviços da construção (1 000 R\$)	2.969.823
Consumo intermediário (1 000 R\$)	1.310.972
Valor bruto da produção (1 000 R\$)	2.800.872
Valor adicionado (1 000 R\$)	1.489.900

Quadro 5 - Pesquisa Anual da Indústria da Construção no ES - PAIC 2009

Fonte: IBGE, 2009.

Nota: Os dados se referem a empresas de construção com cinco ou mais pessoas ocupadas.

Segundo os dados da Pesquisa Anual da Indústria da Construção, realizada pelo IBGE, no Espírito Santo, no ano de 2009, existiam 1.043 empresas ativas, com mais de cinco pessoas ocupadas, sendo que havia um quantitativo de 42.785 pessoas empregadas nessas firmas. Nesse período a receita bruta total do setor foi de R\$ 2.973.956 bilhões. Isso mostra como o setor movimenta grandes investimentos no Estado.

A Figura 1 mostra ainda, as localizações dos investimentos por setor nas microrregiões do Espírito Santo, entre os anos de 2010 e 2015. Pode-se afirmar que o setor ainda vai expandir nos próximos anos e os investimentos serão priorizados em cinco regiões do estado, quais sejam o Extremo Norte, o Litoral Norte, a Sudoeste Serrana, a região do Caparaó e a região Metropolitana, nesta última o destaque é para a construção pesada⁹. Visto que os investimentos no setor estão desconcentrados da Grande Vitória, isso possibilita uma maior dinamização da atividade econômica e geração de

⁹A construção pesada se refere àquela mais tecnicada, geralmente envolve grandes empresas empreiteiras de obras públicas (CAMPOS JÚNIOR, 2002, p. 23).

emprego nas regiões menos desenvolvidas do estado, uma vez que o setor é intensivo em mão de obra.

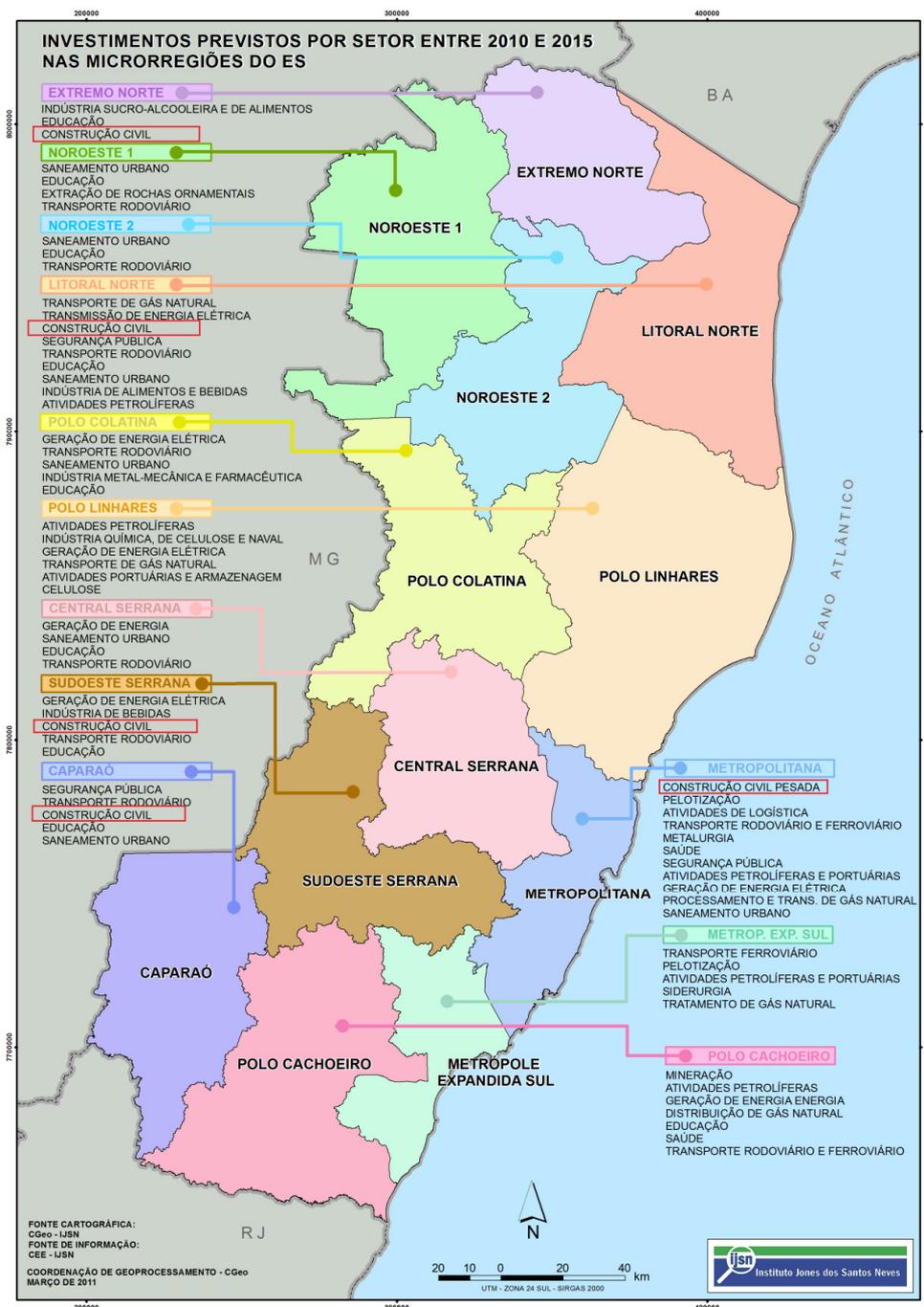


Figura 1 - Investimentos previstos por setor entre 2010 e 2015 nas microrregiões do ES

Fonte: IJSN, 2011¹⁰.

¹⁰ Espírito Santo em Mapas, IJSN, 2011 (Disponível em: www.ijsn.es.gov.br, Acesso em 23 maio 2012).

2.2.1. A Cadeia Produtiva

A cadeia produtiva da construção civil está inserida num contexto de crescimento econômico e do acesso a maior qualidade de vida por parte da população, à medida que o país necessita de infraestrutura e moradias para o desenvolvimento. Dessa maneira, os investimentos nessa cadeia são capazes de gerar uma dinâmica que representa um papel importante na economia como um todo, por isso devem ser considerados como estratégicos para induzir o desenvolvimento.

A cadeia produtiva da construção reúne a produção e comercialização de vários produtos e serviços, através de elos que interligam as atividades. A construção é um dos elos que fazem parte da cadeia produtiva do macrossetor da construção civil, além de ser a mais significativa em termos de geração de emprego e renda. Entretanto, a cadeia engloba outras atividades que também têm um papel fundamental nesse setor, tais como: a produção e comercialização de materiais de construção e equipamentos para a produção, serviços diversos ligados a atividade imobiliária, serviços técnicos da construção e atividades de manutenção de imóveis (FIESP, 2010).

O macrossetor da construção civil é composto pelas construtoras, incorporadoras e prestadoras de serviços, por vários segmentos da indústria de materiais de construção e por segmentos do comércio. A construção civil (construtoras, incorporadoras etc.) é o núcleo principal dentro do macrossetor. Não só pela sua elevada participação no valor do produto e do emprego gerados em todo o macrossetor, mas também por ser o destino da produção dos demais, o setor da construção civil determina, em grande medida, o nível de atividade do próprio macrossetor. Uma das características deste núcleo do macrossetor é ser bastante heterogêneo. Formado por um grande número de empresas – sendo a maioria micro e pequenas empresas -, com vocações e estruturas as mais diferentes, os produtos e serviços da construção civil são bastante diversificados (SINDUSCON-SP, SEBRAE, 2000, p. 3-4).

A Figura 2 apresenta um esquema simplificado da cadeia produtiva da construção, desde a produção de insumos até o consumo final das unidades habitacionais.

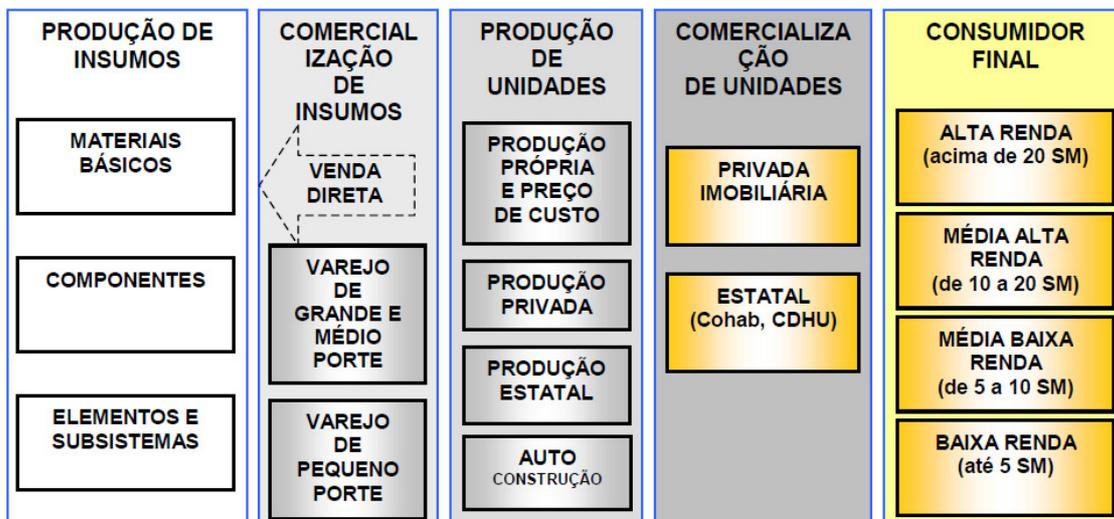


Figura 2 - Cadeia Produtiva da Construção Civil

Fonte: Programa Brasileiro de Prospectiva Tecnológica Industrial, PCC-USP, 2002.

“A cadeia produtiva da construção civil no país segue uma dinâmica, melhora a economia e o setor como um todo. É o setor que mais rápido recebe os reflexos da economia. O Espírito Santo está num contexto diferenciado do País. Temos a Vale, a ArcelorMittal, a Aracruz, temos a concessão da BR 101. Temos um pacote de obras muito grande.” (José Carlos Chamon, presidente do Sindicato da Construção Pesada do Espírito Santo-Sindicopes, REVISTA INDÚSTRIA CAPIXABA, 2012, p. 33).

2.3. Alguns números do desempenho imobiliário na Grande Vitória

O crescimento imobiliário no Espírito Santo ocorre em maior escala na região da Grande Vitória, e em pequena escala nas regiões interioranas, sendo assim, os dados do desempenho imobiliário calculado pelo Sindicato das Indústrias da Construção Civil do Espírito Santo (Sinduscon-ES), correspondem aos empreendimentos verificados nas cidades de Cariacica, Serra, Vila Velha e Vitória, onde está concentrada a maior parte dos investimentos construtivos do Estado.

Assim, observam-se na Tabela 2, os números totais das unidades em construção em junho de 2011, dos lançamentos e das construções concluídas entre junho e novembro de 2011 e das unidades em construção em novembro de 2011, que correspondem a 33.374, 5.872, 6.055 e 33.191 respectivamente.

Tabela 2 - Visão geral da evolução das unidades em construção por município

Município	Unidades em Construção Jun/2011	Lançamentos Jun -Nov/2011	Concluídos Jun - Nov /2011	Unidades em Construção Nov/2011
Vitória	6.693	398	1.324	5.767
Vila Velha	12.514	2.830	1.746	13.598
Serra	13.237	1.948	2.447	12.738
Cariacica	930	696	538	1.088
TOTAL	33.374	5.872	6.055	33.191

Fonte: Sinduscon-ES, 2012.

Segundo o Sinduscon-ES (2011), as 33.191 unidades em construção estão divididas em 394 empreendimentos, dos quais 17% estão localizados na Serra, 1% em Cariacica, 36% em Vitória e 46% em Vila Velha (Gráfico 2). Dessa maneira, pode-se constatar, comparando a Tabela 2 com o Gráfico 2, que os empreendimentos localizados em Cariacica e em Serra contam com um maior número de unidades habitacionais por condomínio.

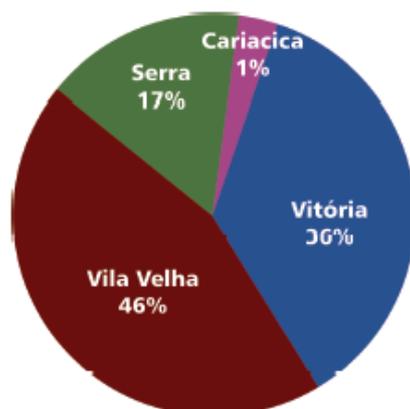


Gráfico 2 - Empreendimentos em Construção por Município

Fonte: Sinduscon-ES, 2012.

Os dados da pesquisa do Sinduscon-ES (2011) mostram o perfil dos lançamentos dos empreendimentos por segmentação, nos quatro municípios de abrangência da pesquisa. Pode-se concluir que as construções por incorporação predominam em todas as cidades pesquisadas. É fundamental exemplificar as construções de moradias do programa do Governo Federal, o Minha Casa Minha Vida, que abrange famílias que recebem de 3 a 10 salários

mínimos. Na Tabela 3 o segmento representa 38% dos lançamentos no município de Serra, 12% em Vila Velha e 2% em Vitória, sendo que na data pesquisada não houve lançamentos do programa no município de Cariacica.

Ainda de acordo com os dados da Tabela 3, grande parte dos lançamentos no Estado está associada aos empreendimentos Minha Casa Minha Vida e às Incorporações.

Tabela 3 - Perfil dos lançamentos por Município

Segmento	Vitória	%	Vila Velha	%	Serra	%	Cariacica	%
Condomínio Fechado	16	4%	162	6%	328	17%	0	0%
Incorporação	375	94%	2316	82%	883	45%	696	100%
MCMV 3-10	7	2%	352	12%	737	38%	0	0%

Fonte: Sinduscon-ES, 2012.

O Gráfico 3 também é dividido por segmento, mas difere da Tabela 3 por apresentar a participação de cada segmento no total de unidades em construção. Assim, tem-se que 18% das unidades em construção são moradias do programa Minha Casa Minha Vida, 26% são condomínios fechados, enquanto que 56% são incorporações.

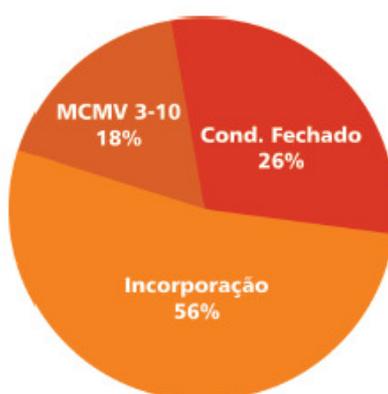


Gráfico 3 - Percentual do total de Unidades em Construção por Segmento

Fonte: Sinduscon-ES, 2012.

Segundo o Sinduscon-ES (2011), do total de unidades habitacionais em construção, a maioria está representada pelo modelo de 2 quartos (18.086),

seguido pelo imóvel de 3 quartos (8.091), as unidades comerciais com 3.725, os apartamentos com 4 quartos com 2.228, com um quarto com 911 unidades e 150 casas.

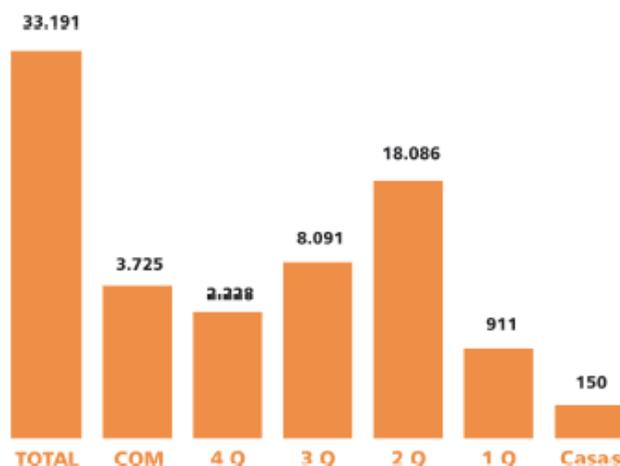


Gráfico 4 - Tipologia das unidades em construção - Total

Fonte: Sinduscon-ES, 2012.

Observa-se no Gráfico 5, com o comparativo das vendas das unidades por tipologia, que as unidades de 2 quartos lideram o ranking de vendas por tipologia. Assim percebe-se a importância desta pesquisa para as empresas de construção, uma vez que elas conseguem montar uma estratégia diagnosticando as áreas de maior interesse para os clientes e identificando as necessidades do mercado.

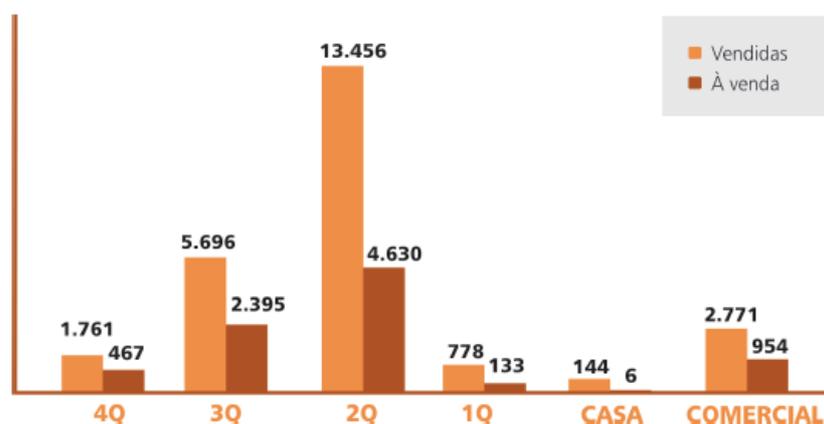


Gráfico 5 - Comercialização das unidades por tipologia

Fonte: Sinduscon-ES, 2012.

O Gráfico 6 mostra que do total de unidades em construção, 24.606 já foram vendidas e 8.585 ainda estão à venda, que representa quase 26% das 33.191 unidades em construção.

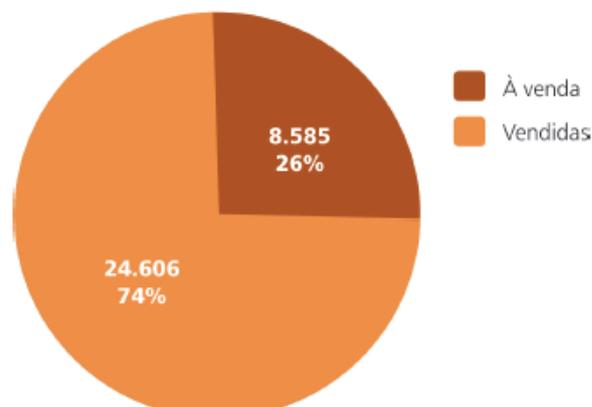


Gráfico 6 - Comercialização das unidades em construção

Fonte: Sinduscon-ES, 2012.

O objetivo principal desse tópico foi apenas sintetizar alguns resultados da pesquisa elaborada pelo Sindiscon-ES, no ano de 2012, para mostrar os números da área da habitação na Grande Vitória, já que este segmento é o que apresenta dados mais atualizados, bem como o de maior relevância para as empresas, representando maior lucratividade e em consequência maior crescimento nas maiores cidades.

2.4. Comentários Finais

No Espírito Santo, após analisados alguns números, observa-se que a indústria imobiliária tem atraído grandes investimentos. A Grande Vitória desponta com uma maior quantidade de construções, porém a tendência é que muitos investimentos no setor ocorram também nas regiões interioranas do Estado, nos próximos anos.

O crescimento da construção civil, em âmbito nacional, se deu principalmente devido ao Programa de Aceleração do Crescimento e da criação do Programa

Minha Casa Minha Vida, do Governo Federal. O Espírito Santo foi uns dos Estados que se beneficiaram do PMCMV, que possibilitou às famílias de menor poder aquisitivo adquirir um imóvel próprio com taxas de juros menores, o que refletiu nas taxas de crescimento do setor e da economia capixaba como um todo.

A atividade da construção impulsiona uma cadeia de produção bastante significativa, uma vez que relaciona não somente a fase da construção, mas também diversos outros mercados de bens e serviços a ela interligados, como: a produção e comercialização de materiais de construção, decoração, a atividade imobiliária etc. Além disso, é responsável por empregar grande quantidade de trabalhadores formais e informais.

CAPÍTULO 3. AS TRANSFORMAÇÕES NOS PROCESSOS DE INOVAÇÃO EM BUSCA DE VANTAGEM COMPETITIVA - RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO

Este capítulo visa complementar os estudos até então realizados acerca do tema Competitividade e Inovação na Indústria da Construção Civil Capixaba, por meio de pesquisas de campo realizadas através de entrevistas com profissionais que atuam na área da construção civil no Espírito Santo e no Brasil.

As entrevistas buscaram focar o conhecimento dos profissionais dentro do contexto da construção civil capixaba e de acordo com a atuação de cada um, e está também pautada na percepção dos mesmos com relação à competitividade e inovação do setor.

As entrevistas aconteceram entre os meses de julho a outubro de 2012 e os entrevistados foram os seguintes:

- Egivany Hoffmam Daniel Galvani – Analista de Incorporações na Empresa Metron Engenharia.
- Geógia Grace Bernardes – Assessora Técnica na Câmara Brasileira da Indústria da Construção em Brasília. (Entrevista por e-mail).
- Nívia Cavatti Maciel – Analista de Economia e Estatística no Sinduscon-ES.

Procurou-se focar a pesquisa de campo em diferentes abordagens com relação ao tema, com enfoque na importância da inovação, na importância da construção civil e nos principais processos de inovações na empresa onde atua cada entrevistado e no setor de forma geral.

Dessa forma, as entrevistas foram conduzidas de maneira que se mostrasse desde os elementos que os entrevistados consideravam mais importantes para

a competitividade da firma, com relação à inovação e aos processos concorrenciais, além dos principais gargalos e desafios para o crescimento contínuo do setor.

O questionário, o qual consta no apêndice desta monografia, elaborado teve como base alguns elementos até então pesquisados para a realização deste trabalho. Assim, são apresentadas as opiniões obtidas através do questionário aplicado. As informações estão colocadas em uma sequência de texto para o melhor entendimento do assunto.

3.1. Importância da Inovação no processo concorrencial

Na visão das entrevistadas, o processo de ‘reinvenção’ de uma empresa deve acompanhar o próprio ritmo constante de mudanças dos indivíduos e da sociedade. Junto com as mudanças de hábitos e costumes, sempre há uma mudança de visão e de necessidades das pessoas, a empresa deve estar atenta a este processo.

Sendo assim, segundo as entrevistadas, a inovação é imprescindível para a sobrevivência de empresas de qualquer setor. É sempre interessante pesquisar novas técnicas de produção e formas de se relacionar cada vez melhor com clientes e fornecedores.

O avanço dos meios de modificação, por exemplo, já mudou muito a forma de venda de produtos e serviços. E para continuar “viva” no mercado as empresas se modernizam buscando novas formas de comunicação e produção constantemente.

Através da inovação a empresa se torna competitiva, que é um atributo do modelo de negócio de uma empresa que gerará mais oportunidades de sustentação do seu lugar no mercado ou de crescimento do seu ‘*market share*’, prestando seus serviços ou vendendo seus produtos e crescendo constantemente na qualidade e no faturamento (BERNARDES, 2012).

Dessa maneira, ainda segundo a visão das entrevistadas, pode-se concluir que a inovação é a essência da competitividade. Apenas as empresas que sabem inovar tanto na melhoria constante no portfólio de seus produtos/serviços, quanto na seleção e qualificação de seus funcionários, conseguem ao longo de muitos anos se manterem em crescimento em um mercado grande e extremamente diversificado como o brasileiro.

3.2. Fatores para a competitividade no Setor da Construção Civil

A empresa competitiva é aquela que sempre está focada em seu mercado consumidor, buscando cada dia mais aprimorar seus produtos e serviços e adequando-os ao seu público alvo, na tentativa de manter um bom resultado de vendas através de comercialização de produtos com maior valor agregado. No entanto, este valor agregado será alcançado quando estiver em convergência com os interesses dos clientes e da sociedade.

Nos últimos anos, o Brasil tem investido muito na pesquisa de materiais de construção mais eficientes que tenham preço mais baixo e maior durabilidade, e métodos ou processos construtivos industrializados para aumento da produtividade, com foco em sustentabilidade.

No Espírito Santo, o mercado da construção conta com grande oferta de cursos profissionalizantes voltados para a área da construção que têm proporcionado maior qualificação profissional e, conseqüentemente, melhorado a qualidade das edificações e na geração de renda para os trabalhadores.

O Sinduscon –ES realiza treinamentos de mão de obra, através de palestras, cursos, workshops, seminários, entre outros. Ao longo do ano existe uma programação de cursos, em diversas áreas como: meio ambiente, obras públicas, recursos humanos e trabalhistas, assuntos judiciais, assuntos econômicos e estatísticos. As entidades envolvidas nos “cursos” normalmente são: SINDICOPES, ADEMI, SECONCI, FINDES, CREA, entre outros (MACIEL, 2012).

E ainda, de acordo com o IEL (2011, p. 109):

o sistema Sesi/Senai também vem contribuindo para suprir as necessidades do mercado no setor da construção civil, principalmente

no que diz respeito à qualidade de mão de obra, afinal desde 2000 há uma demanda emergente do mercado pela busca de profissionais na área. E, para suprir essa necessidade da indústria da construção civil, o Senai oferece cursos de eletricista, carpinteiro, armador, pintor, almoxarifado, instalador predial e *drywall*, técnico em edificações, pedreiro, dentre outros.

O mercado imobiliário capixaba cresceu muito nos últimos anos, em parte devido a experiência que os empreendedores da construção acumularam com o tempo, aliado a maior oferta de crédito imobiliário por parte das instituições financeiras e com a chegada de grandes incorporadoras que atuam em todo o país e através das parcerias com essas grandes construtoras nacionais. Assim, no Espírito Santo existem empresas de pequeno, médio e grande porte, que atuam com obras públicas, obras corporativas e na indústria imobiliária.

As empresas têm procurado investir na qualificação profissional de seus colaboradores, buscando certificações de qualidade dos serviços e segurança do trabalho, além de procurar, em seus projetos, adotar itens que geram economia para os clientes e sejam sustentáveis, preservando os recursos naturais. Além disso, busca-se acima de tudo, manter a qualidade dos imóveis entregues, mostrando assim um diferencial no mercado. Para isto existe um rigoroso controle na qualidade dos materiais de construção, serviços prestados e na elaboração dos projetos. Na hora da venda, os profissionais também costumam mostrar aos seus clientes que além de ser um local para morar ou trabalhar, um imóvel pode ser um grande investimento a médio ou longo prazo (GALVANI, 2012).

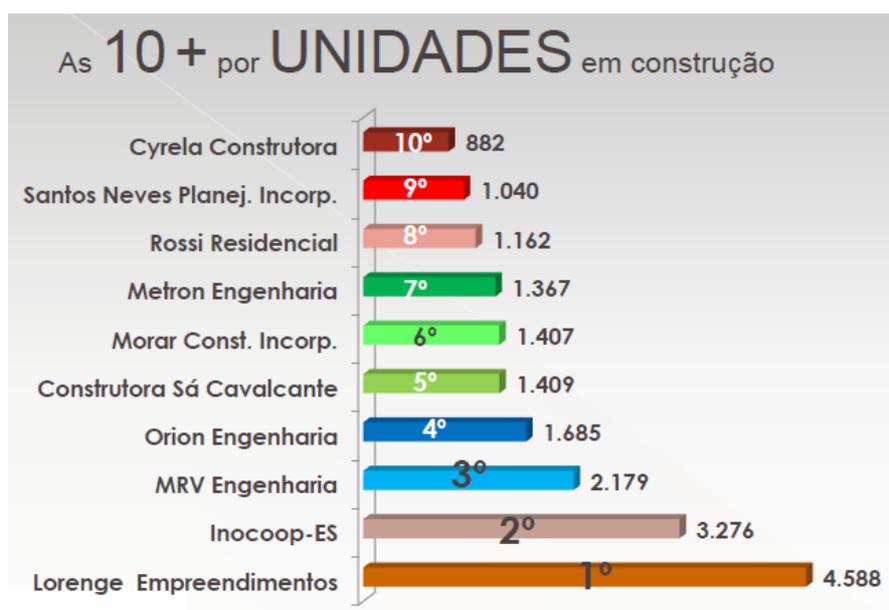


Gráfico 7 - As 10 Maiores Empresas por Unidades em Construção

Fonte: Sinduscon-ES, 2012.

O IEL (2011) destaca que, a maior empresa no Espírito Santo tanto em quantidade de unidades em construção, quanto em m² em construção, a Lorenge Empreendimentos, mostra que saiu na frente devido aos projetos inovadores lançados na Grande Vitória e no interior do Estado. Além disso, a constante busca pela inovação tem sido um diferencial da empresa, que prima pela qualidade nos empreendimentos imobiliários que entrega. “A Lorenge mantém acesos três elementos de sustentabilidade – criatividade, inteligência de preservação do planeta e longevidade para seu produto – como requisitos de inovação” (IEL 200 MAIORES EMPRESAS DO ESPÍRITO SANTO, 2011).

“Ampliando os limites territoriais para além da Grande Vitória, a Construtora Lorenge decidiu levar os modelos logístico urbano (Masterplan) e núcleo urbano planejado (*Total Life*) para os municípios do interior do Estado, como Aracruz e Linhares. E já estão em estudo as cidades de Guarapari, Cachoeiro de Itapemirim e Colatina”. (José Elcio Lorenzon, diretor-presidente da Lorenge, IEL 200 MAIORES EMPRESAS DO ESPÍRITO SANTO, 2011, p 110).

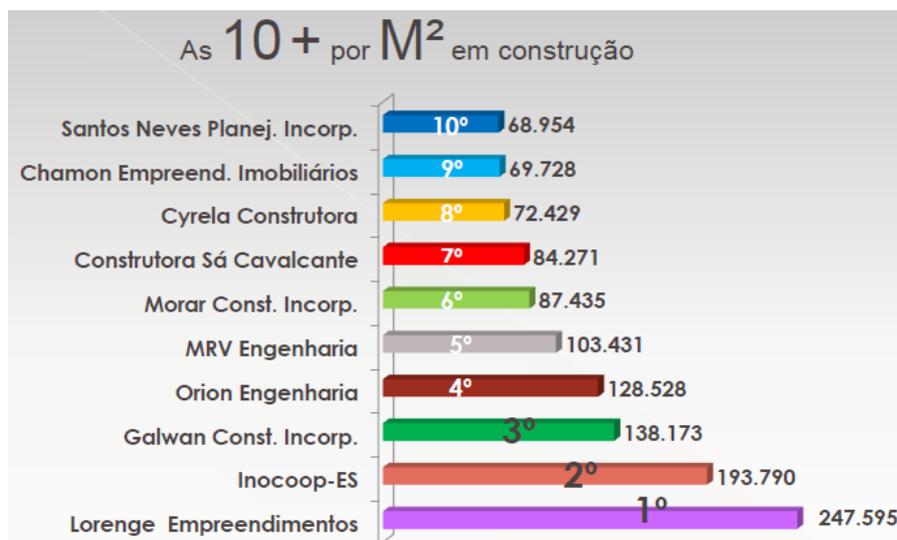


Gráfico 8 - As 10 Maiores Empresas por M² em Construção

Fonte: Sinduscon-ES, 2012.

Tabela 4 - As 10 Maiores Indústrias da Construção no ES

Segundo a Receita Operacional Bruta (ROB) no ES (valores em R\$ milhares)

POSIÇÃO	CLASSIF. 2010	EMPRESA	REC. OP. BRUTA	VAR. ROB. 10/09%	REC. OP. LIQ	LUCRO OP.	LUCRO LIQ. EX.	PATRIM. LÍQUIDO	EMPREGADOS ES
1	67	LORENTE	144.342	11,02%	128.100	34.272	30.520	148.150	519
2	72	CONCREVIT	122.640	3,12%	115.929	8.999	5.573	22.790	198
3	74	ODEBRECHT	121.124	-35,65%	111.836	-18.710	-18.795	8.465	583
4	97	TERVAP	82.147	129,96%	82.059	61.203	57.901	160.438	125
5	106	CONTEK ENGENHARIA	74.953	24,36%	70.732	15.242	12.974	41.610	319
6	127	MOKAR	58.967	-35,20%	55.966	6.483	5.121	38.833	152
7	133	ESTRUTURAL	55.550	23,53%	52.516	6.340	4.007	10.631	734
8	184	MATRICIAL	30.123	-7,90%	27.844	4.479	3.723	11.485	566
9	202	CONSTRUTORA ÉPURA	23.853	-40,36%	23.002	-2.338	-2.375	28.320	84
10	208	CONSTRUTORA ATERPA	18.938	-38,57%	17.352	3.674	3.419	N/D	87

Fonte: IEL 200 MAIORES EMPRESAS DO ESPÍRITO SANTO, 2011, p. 173.

As 10 maiores empresas do setor da construção no Espírito Santo apresentaram uma Receita Bruta de R\$ 733 milhões no Estado, ofertando 3.367 empregos. Nesse ranking, a Lorente aparece em primeiro lugar com R\$ 144.342 milhões, segundo a Receita Operacional Bruta (ROB), seguida pela Concrevit, em segundo, com R\$ 122.640 milhões, e pela Odebrecht, em terceiro, com R\$ 121.640 milhões.

3.3. Principais desafios para o setor

Na visão das entrevistadas, a tendência para os próximos anos é que as empresas do setor busquem cada vez mais aprimorar eficiência dos processos para alcançar os objetivos propostos nos projetos, qualificando e otimizando a mão de obra na busca por agilidade e economia de materiais.

A alta competitividade dessa indústria leva as firma a buscarem formas cada vez mais arrojadas e diferenciadas para divulgar seus produtos, aliado a qualidade, durabilidade e preço.

Ainda assim, o setor já enfrenta desafios como a viabilização competitiva para a inserção da construção industrializada, ou seja, mais tecnológica. A quantidade e qualificação da mão de obra operacional também aparecem como desafios para algumas empresas, além da qualificação dos profissionais

técnico-gerenciais voltados para o desempenho, produtividade e sustentabilidade das construções.

Os gargalos do setor estão na falta de infraestrutura oferecida pelos municípios, que poderiam apresentar um desenvolvimento muito maior se houvesse, por parte do governo federal, uma parceria nesse setor. Exemplo disso é a carência de mão de obra capacitada no Estado (IEL 200 MAIORES EMPRESAS DO ESPÍRITO SANTO, 2011, p. 109).

Segundo a visão das entrevistadas, o setor imobiliário está com os preços pressionados para cima, já que a mão de obra tem ficado cada vez mais cara e há grande escassez de terrenos viáveis a construção e também devido a especulação imobiliária em algumas regiões mais visadas pelos consumidores na Grande Vitória.

Outros problemas enumerados que futuramente poderão impactar no setor devido seu crescimento destacam-se: a necessidade de encontrar novas formas de financiamento, o elevado custo do crédito para as empresas de pequeno porte, a burocracia para o licenciamento de novos empreendimentos, a carga trabalhista e a infraestrutura precária em muitas regiões do país.

É importante destacar que a estabilidade macroeconômica é essencial para que o setor como um todo continue crescendo continuamente. Nesse cenário, a crise que se instala na Zona do Euro pode comprometer o crescimento da construção e dos demais setores da economia. É importante, portanto, estimular as taxas de crescimento, manter a estabilidade econômica, a oferta de crédito, de emprego formal e a expansão da renda.

Para o setor da construção, alguns fatores são essenciais para o crescimento a médio e longo prazo, como o investimento em infraestrutura, a manutenção da oferta de crédito para as famílias e empresas, tecnologia para melhorar os processos produtivos e aumento da produtividade e qualificação dos profissionais.

3.4. Comentários finais

Os novos processos de negócios na atualidade têm impactado diretamente na competitividade empresarial. O setor da construção não pode ficar de fora das mudanças impostas pelo mercado. Dessa maneira, este capítulo buscou mostrar o tamanho da importância da inovação para alcançar a maturidade na indústria e se manter firme no mercado.

Com a identificação das necessidades latentes dos novos consumidores e com a grande quantidade de concorrentes nesse mercado, ficaram evidenciados os pontos mais fortes para uma empresa do setor continuar inserida nesse contexto de crescimento. Assim, é necessário às empresas, buscarem qualidade aliada a preços competitivos e sustentabilidade das construções, temas muito discutidos para o crescimento econômico dos tempos atuais.

Também há de se buscar propostas para vencer os desafios e gargalos dessa atividade, já que ela representa uma parcela considerável das taxas de crescimento, porque impulsiona outras atividades produtivas e comerciais.

CONCLUSÃO

A proposta desta monografia foi tratar temas muito discutidos no cenário de todos os tipos de negócios atualmente: inovação e competitividade. Para aplicar melhor a análise buscou-se convergir essas duas palavras chaves ao setor da construção civil e identificar como as empresas têm atuado nesse sentido.

As transformações nos processos produtivos e organizacionais em busca de maior eficiência e alcance das metas é objetivo central de todas as empresas que se mantêm competitivas no mercado. Os consumidores estão cada vez mais exigentes, os concorrentes têm conseguido diminuir custos e aumentar a produtividade, e a empresa que não atuar nesse sentido vai perder espaço no mercado.

Por isso, este trabalho tentou mostrar como e porque as empresas se “reinventam”, e quais meios existem para se manterem competitivas no mercado, especificamente o da Construção Civil.

O setor da construção foi escolhido porque é uma atividade em expansão no Espírito Santo e no Brasil, e engloba alguns fatores essenciais para movimentar a economia: altos investimentos, expansão do crédito, intensivo em mão de obra, composto por uma cadeia produtiva bastante intensa e extensa, além de contribuir para uma necessidade social da população brasileira, a moradia.

A construção civil passou por um período de estagnação durante duas décadas e desde 2004 vem alcançando novos patamares de crescimento. É preciso que as taxas de crescimento do setor continuem subindo, já que a necessidade de moradias para as famílias está longe de acabar.

Para isso, o país precisa enfrentar alguns gargalos que podem atrapalhar essa atividade e conseqüentemente o crescimento e desenvolvimento econômico em âmbito nacional.

No Espírito Santo, a concentração das construtoras e incorporadoras ainda prevalece na Grande Vitória, mas já existem outras cidades em expansão que necessitam de investimentos nessa área. Além disso, os terrenos para construção na Capital estão extremamente escassos e as pessoas precisam migrar para as cidades mais próximas, o que aos poucos viabiliza a atividade da construção para além de Vitória e arredores.

O Estado, nos últimos anos, está atraindo grandes investimentos de empresas que atuam em âmbito nacional na área da construção. Isso alterou a maneira de “pensar” das construtoras locais, visto que a competitividade aumentou, havendo assim, a importância em mudar para competir. Esse mecanismo foi positivo para os consumidores, no sentido de que as empresas buscaram melhorar os lançamentos para se diferenciar das demais. Assim, surgiram condomínios diferenciados, com inovações que não existiam até então no Estado.

Após a implantação do Programa de Aceleração do Crescimento e do Programa Minha Casa Minha Vida, a população capixaba pôde contar com muitas ofertas de imóveis em condomínios fechados com preços mais acessíveis. A expansão desse setor “arrasta” o crescimento de outras atividades, principalmente as atividades que fazem parte da cadeia produtiva da construção.

A mão de obra também foi um elemento importante para a expansão da economia no Estado. Cada dia mais as empresas têm buscado profissionais com ou sem especialização, oferecendo qualificação e benefícios aos interessados, além disso os salários foram pressionados para cima devido a crescente demanda.

Pode-se concluir que o setor da Construção Civil vem expandindo, e impulsionando o crescimento da economia brasileira nos últimos anos, e cada vez mais se mostra a necessidade em inovar processos há muito ultrapassados para garantir um posicionamento competitivo no mercado, que

está em constante processo de diferenciação. Os consumidores estão mais exigentes e para acompanhar as mudanças é preciso seguir a lógica do mercado, que não para de se reinventar nesse mundo globalizado.

Por fim, mostrou-se aqui a importância dessa atividade para a economia como um todo e como o país pode atuar no sentido de manter essa atividade em constante crescimento para não voltar ao período de estagnação, que deixou o setor bastante defasado em diversos aspectos, como a qualificação da mão de obra e sustentabilidade das construções. Nessa lógica, é preciso enfrentar os pontos que podem atrapalhar a expansão do setor e procurar otimizar os recursos disponíveis, apesar de todos os desafios, para que a construção civil continue se mantendo num patamar de crescimento.

REFERÊNCIAS

BERNARDES, Geógia Grace. **A importância da Inovação para as empresas da Construção Civil**. Entrevista concedida por e-mail a Talita Assumpção Réboli em julho 2012. Brasília, 2012.

BRASIL. Ministério das Cidades. Secretaria Nacional de Habitação. **Déficit Habitacional no Brasil 2008 / Ministério das Cidades**. Secretaria Nacional de Habitação. – Brasília, Ministério das Cidades, 2011. 140 p. Elaboração: Fundação João Pinheiro, Centro de Estatística e Informações. Disponível em: <<http://www.fjp.gov.br>>. Acesso em: 25 maio 2012.

BURLAMAQUI, L., PROENÇA, A. Inovação, Recursos e Comprometimento: em direção a uma teoria estratégica da firma. **Revista Brasileira de Inovação**, v.2, N.1, Jan/jun 2003.

CAMPOS JUNIOR, Carlos Teixeira. **A construção da cidade: formas de produção imobiliária em Vitória**. Vitória: Flor&Cultura, 2002.

CBIC. **Informativo Econômico, Construção Civil: Desempenho e Perspectivas**. Brasília: 2011. Disponível em: <www.cbic.org.br> Acesso em: 20 maio 2012.

COUTINHO, Luciano G., FERRAZ, João Carlos. **Estudo da Competitividade da Indústria brasileira**. 2ª Ed. Campinas, SP: Papirus; Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994.

DIEESE. Boletim Trabalho e Construção Nº 4, outubro 2010. **Crescimento do Setor da Construção Civil favorece a expansão de postos de trabalho e do rendimento**. Disponível em: <<http://www.dieese.org.br>>. Acesso em: 25 maio 2012.

DIEESE. Boletim Trabalho e Construção Nº 5, fevereiro 2011. **O Trabalho por conta própria na Construção Civil.** Disponível em: <<http://www.dieese.org.br>>. Acesso em: 25 maio 2012.

DIEESE. Estudos e Pesquisas Nº 56, abril de 2011. **Estudo Setorial da Construção 2011.** Disponível em:<<http://www.dieese.org.br>>. Acesso em: 25 maio 2012.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DE SÃO PAULO – FIESP. 9ª Congresso Brasileiro da Construção (Construbusiness 2010). **Brasil 2022: planejar, construir e crescer.** Departamento da Indústria da Construção – DECONCIC. FIESP, 2010. Disponível em: <<http://www.fiesp.com.br/construbusiness/>> Acesso em: 20 maio 2011.

FERRAZ, J. C., KUPPER, D., HAGUENAUER, L. **Made in Brasil: desafios competitivos para a indústria.** Rio de Janeiro, Ed. Campus: 1996.

FINDES. **Revista Indústria Capixaba.** Publicação Oficial do Sistema Findes. Março 2012. Distribuição gratuita. Nº 299.

GALVANI, Egivany Hoffmam Daniel. **A inovação nas empresas da Construção Civil capixaba.** Entrevista concedida a Talita Assumpção Réboli em julho 2012. Vitória, 2012.

IBGE. **Pesquisa Anual da Indústria da Construção.** Rio de Janeiro, 2009. <www.ibge.gov.br> Acesso em: 23 maio 2012.

IBGE. **Sala de Imprensa: Contas Nacionais Trimestrais – Indicadores de Volume.** Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 20 maio 2012.

IEL. **200 MAIORES EMPRESAS ESPÍRITO SANTO.** Ano XIV, nº 15, Novembro/2012 – Publicação Oficial.

IJSN. **Espírito Santo em Mapas: Investimentos previstos por setor entre 2010 e 2015 nas microrregiões do ES.** Vitória, 2011. Disponível em: <www.ijsn.es.gov.br> Acesso em: 23 maio 2012.

IJSN. **Investimentos anunciados para o Espírito Santo 2010-2016.** Vitória, ES, 2012. Disponível em: <<http://www.ijsn.es.gov.br>>. Acesso em: 23 maio 2012.

KUPFER, David. **Padrão de Concorrência e Competitividade.** In: Encontro Nacional da Anpec. 15, 1992, Campos do Jordão, SP. Texto para Discussão, nº 265. Campos do Jordão: IEI/UFRJ, 1992.

MACIEL, Nívia Cavatti. **O setor da Construção Civil capixaba: qualificação da mão de obra e ranking das maiores empresas do setor no Espírito Santo.** Entrevista concedida a Talita Assumpção Réboli em outubro 2012. Vitória, 2012.

NELSON, Richard R. **As fontes do crescimento econômico.** Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

PORTER, Michael E. **Competição: on competition, estratégias competitivas essenciais.** Rio de Janeiro: Elsevier, 1999.

PORTER, Michael E. **Estratégia competitiva: Técnicas para análise de indústrias e da concorrência.** Rio de Janeiro: Campus, 1986.

PROGRAMA BRASILEIRO DE PROSPECTIVA TECNOLÓGICA INDUSTRIAL. **Estudo Prospectivo da Cadeia Produtiva da Construção Civil: Produção e Comercialização de Unidades Habitacionais Urbanas.** Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior da Secretaria de Tecnologia Industrial - MDIC/STI, PCC-USP, São Paulo, 2002.

ROCHA, Haroldo Corrêa e MORANDI, Angela. **Cafeicultura e grande indústria: a transição no Espírito Santo 1955-1985.** Vitória: FCAA, 1991.

SCHUMPETER, Joseph. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1984.

SINDUSCON-ES. **20º Censo Imobiliário**. Vitória, 2012. Disponível em: <<http://www.sinduscon-es.com.br>> Acesso em: 13 maio 2012.

VILLASCHI, Arlindo. **Elementos da economia capixaba e trajetórias de seu desenvolvimento**. Vitória: Flor&Cultura, 2011.

APÊNDICE 1**QUESTIONÁRIO****1 – SOBRE A IMPORTÂNCIA DA INOVAÇÃO**

A – Como você vê a importância da inovação para a sobrevivência de uma empresa?

B – Como você definiria competitividade?

C – Qual a importância da inovação para a competitividade?

2 – SOBRE O SETOR DE CONSTRUÇÃO CIVIL

D – O que define se uma empresa é competitiva no setor?

E – Quais os principais elementos concorrenciais na construção civil?

F – Quais as principais inovações acontecem hoje no setor no Brasil e no Espírito Santo?

G – Como as empresas capixabas estão em inovação e competitividade, se comparadas com empresas em outras regiões do país?

3 - INOVAÇÕES NA EMPRESA EM QUE ATUA

H - Quais são os principais projetos de inovação da empresa, em busca de maior qualidade e eficiência nos diversos processos empresariais?

I - Quais estratégias a empresa tem adotado para atrair os clientes aos lançamentos da empresa, com tantos empreendimentos novos no mercado?

J - Quais são os principais gargalos e desafios que podem comprometer o crescimento do setor nos próximos anos?